

Soc.10



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
UNIDADE DE FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL SOCIAL DO IDOSO:
Transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais nas comunidades rurais

Por
CARLOS MIGUEL NUNES

SUPERVISORA
Doutora Terezinha da Silva

(Dissertação apresentada na Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia)

MAPUTO, Março de 2003

U.E.M. - UFGS
N.º 4643
DATA 20/07/05
AQUISIÇÃO ofenta
GOTA Soc - 10

ÍNDICE

I.	Dedicatória	
II.	Agradecimentos	
III.	Errata	
IV.	Resumo	
1.	Introdução	1
1.1	Contextualização	2
2.	O estudo	8
2.1.	Objecto de Estudo	8
2.2	O problema	9
2.3	Objectivo geral	10
2.4	Objectivos específicos	10
2.5	Questão de partida	10
2.6	Hipótese	10
2.7	Metodologia	10
3	Enquadramento teórico e conceptual	11
3.1	Enquadramento teórico	11
3.2	Definição de conceitos	12
3.3	Motivação	15
4	Revisão da literatura	15
5	A pesquisa: apresentação dos resultados	23
5.1	Resumo das entrevistas	23
5.2	Interpretação dos resultados das entrevistas	32
5.3	Verificação da hipótese	32
5.4	Ponto de partida para a interpretação dos dados	33
5.5	As práticas e os valores tradicionais: o processo da sua transmissão	34
5.6	Utilidade dos valores na vida da comunidade	46
5.7	Valores tradicionais na modernidade: uma breve reflexão sobre as mudanças	50
6.	Conclusões	54
6.1	Conclusões gerais	54
6.2	Conclusões específicas	56
6.3	Recomendações	57
7	Referências bibliográficas	59
	Anexos	Guiões de entrevistas

DEDICATÓRIA

À memória do meu pai, José Miguel Nunes, com quem continuo a contar na minha vida quotidiana.

AGRADECIMENTOS

À Dra Teresinha da Silva, supervisora deste trabalho, pela sua paciência e dedicação e, ao Dr. Elísio Macamo pelos vários e úteis aconselhamentos prestados.

À Administração do Distrito de Magude, particularmente ao Sr. Valter, que criou todas as facilidades para a realização do trabalho de campo.

À minha família, (particularmente à Atália, Rogério, Dércio, Melita) que sempre esteve do meu lado nos momentos mais difíceis da vida académica, e pelos duros sacrifícios consentidos para que esta formação se tornasse uma realidade.

Aos meus colegas Álvaro, Bata, Vasco Mondlane e Domingos Lubisse pelos ricos contributos para a realização deste trabalho.

ERRATA

1. Onde se lê Idoso deve-se ler Pessoa Idosa.

Resumo

O presente trabalho tem como tema: "A transformação do papel social do idoso: Transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais nas comunidades rurais" e foi realizado no distrito de Magude na Província de Maputo. Tinha como objectivo conhecer até que ponto o idoso participa na transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais e, verificar a hipótese segundo a qual "*A oralidade constitui um problema para a manutenção do papel social do idoso*".

Estabelecemos como balizas temporárias o período de 1975-2001 e neste existiram três momentos diferenciais que marcaram profundas alterações socio-económicas e culturais no país. O primeiro momento consistiu na adopção do modelo de orientação socialista onde foram adoptadas várias estratégias de desenvolvimento rural dentre as quais as políticas de desenvolvimento rural quando se estabelecem as aldeias comunais (AC), o segundo momento foi o da guerra dos 16 anos e o terceiro após a assinatura dos acordos de paz.

Para a realização do trabalho recorreu-se à pesquisa bibliográfica como parte teórica e o trabalho de campo, a prática. Na parte teórica fez-se o uso das fontes primárias e secundárias, enquanto na prática privilegiou-se as entrevistas semi-estruturadas individuais dirigidas aos idosos e jovens.

Como resultado da pesquisa verificou-se que, durante o primeiro momento, porque as práticas tradicionais eram proibidas ou relegadas em segundo plano, o idoso não teve papel importante como transmissor oral. No segundo momento porque a guerra criou maior mobilidade nas famílias e, conseqüentemente, a sua desagregação, também o idoso não teve papel importante na sua transmissão. No terceiro e último momento elas são vivificadas mas com maior incremento de meios de comunicação social, como a rádio, o jornal e, também a escola, todos eles jogam papel importante na sua transmissão. Assim, pode-se concluir que a nossa hipótese foi confirmada.

A Transformação do Papel Social do Idoso

Transmissão Oral das Práticas e dos Valores Tradicionais nas Comunidades Rurais

1. INTRODUÇÃO

A licenciatura em sociologia ministrada na Universidade Eduardo Mondlane pela Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS) prevê no seu currículo, como uma das componentes do curso a realização de um trabalho de fim do curso, que é essencialmente um projecto de investigação.

O projecto é de âmbito autónomo e individual e é realizado a médio prazo. O presente trabalho é de carácter micro e foi realizado no distrito de Magude tendo como principal objectivo conhecer até que ponto o idoso participa na transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais .

No que se refere ao trabalho este foi dividido em seis blocos nomeadamente;

O contexto, o estudo, o enquadramento teórico e conceptual, a revisão da literatura, a pesquisa e as conclusões.

No primeiro bloco apresentamos o contexto onde mencionamos as marcas temporárias (75/01) em que o nosso estudo se situa. Neste capítulo fazemos menção a três momentos que o país atravessou e que marcaram profundas alterações socio-económicas e culturais.

O primeiro momento consistiu na adopção do modelo de orientação socialista onde foram adoptadas várias estratégias de desenvolvimento rural, o segundo momento foi o da guerra dos 16 anos e o terceiro consiste no período posterior à assinatura dos acordos de paz(92).

Estes períodos tiveram influência no papel social do idoso na família e conseqüentemente no seu papel como agente participativo na transmissão oral das práticas e valores tradicionais.

O segundo bloco consiste na apresentação do objecto de estudo, do problema, dos objectivos de estudo, hipóteses, questão de partida, e metodologia.

No terceiro bloco tratamos do enquadramento teórico e conceptual da definição dos conceitos-chave que foram utilizados ao longo de todo o trabalho de pesquisa, e da

questão da motivação para a escolha deste tema.

O quarto bloco é o da revisão da literatura.

O quinto bloco retrata a pesquisa onde apresentamos o resumo das entrevistas, a interpretação dos resultados, a verificação da hipótese.

E, por último, o sexto bloco que é o das conclusões (gerais e específicas) e das recomendações.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nas sociedades africanas a transmissão de valores é feita de geração para geração através de uma forma oral e é através dela que se penetra no espírito dos povos Africanos (Hampatê Bâ *in* Mazula , 1995:136) . Isto significa que existe quem tem autoridade e está legitimado pelas populações de modo a tornar-se credível todo o conjunto de conhecimentos que transmite e esta (população), por sua vez aceita, como parte das suas práticas quotidianas.

Segundo Shils (1981) por serem sociedades “juventocêntricas” os mais velhos continuam a ter preponderância na influência durante um longo período, que é realçada pela correlação entre a atribuição de poder e idade. É através do mais velho que o “passado” é transmitido e é também através dele que os mais jovens são encorajados a ligações com o passado. A sua autoridade não é questionada porque baseia-se em longos anos de experiência de vida e acredita-se que estes não adulteram o sentido e a essência dos rituais tradicionais que orientam.

Neste caso concreto, o idoso é o agente que possui esta autoridade e é aceite porque medianeiro entre os vivos e os ancestrais e é, por conseguinte, quem orienta os ritos as cerimónias tradicionais, etc. Noutra vertente estará o moderno baseado no principio de racionalidade científica. Esta dicotomia tradição- modernidade não é conflitante porque a tradição não deve recusar a modernidade tal como esta deve aceitar acomodar-se aos valores tradicionais " porque uma sociedade por mais evoluída e industrializada que seja, vê no passado o seu ponto de partida para o entendimento social. Por mais que a sociedade esteja empenhada nas transformações políticas e sociais, o que é um fenómeno do nosso tempo sempre mantém a aliança com o passado através das práticas quotidianas, hábitos de vida, ritos e actividades familiares" (Cipre ,1996: 9).

A sociedade moçambicana passou por várias fases que é preciso mencionar antes de adoptar o modelo Socialista nomeadamente; a colonial e a da Luta de Libertação Nacional.

Considera-se que o processo de desintegração da sociedade tradicional foi devido à penetração do sistema de economia monetária como consequência do colonialismo. No seio da família tradicional os jovens costumavam, mesmo depois de adultos, manter a vizinhança da casa dos pais e dos tios. Era através do lobolo pago pelo casamento das filhas que as famílias asseguravam os meios necessários aos arranjos matrimoniais dos filhos. A penetração colonial foi provocando gradualmente uma nuclearização da família que a partir dos anos 40 se reforçou consideravelmente. Os filhos começaram a sua vida independente em relação aos pais e a responsabilidade pela sobrevivência familiar tornou-se muito mais individualizada (First, 1977: III 36).

A necessidade de pagamento de lobolo, da aquisição de bens de consumo de que as famílias se haviam tornado dependentes, faz com que o homem trabalhe tanto nas minas como na cidade à procura de dinheiro que o torna cada vez mais independente na hierarquia familiar. Na agricultura ainda nos anos 40 assiste-se a uma crise pois, nas províncias do sul, o Estado colonial obrigava a cultivar produtos para a exportação e a intensidade com que eram utilizados os solos baixavam a sua fertilidade, o que justifica ainda maior mobilidade (First, 1979:166).

Com o início da luta de libertação Nacional pela Frelimo contra o colonialismo Português em 1964 começaram a surgir as zonas Libertadas. Essas zonas eram o centro de combate às concepções e hábitos da cultura tradicional que aprisionavam a iniciativa e a criatividade, pugnando-se por um novo tipo de relacionamento entre os jovens e velhos, entre homens e mulheres e por uma nova visão do Mundo, centro de difusão de conhecimentos científicos” (Machel, 1974 *in* Mazula, 1975: 109).

É importante neste aspecto verificar que Samora Machel negava qualquer racionalidade à educação e à cultura tradicionais porque se baseiam num “conhecimento superficial da natureza” esta concebida como “uma série de forças de origem sobrenatural, mais ou menos hostis ao Homem” e porque nelas “ a superstição ocupa o lugar da ciência” (Machel,1970:2 *in* Mazula, 1995:135).

Como se pode notar, na Frelimo a tradição é, portanto, conflituosa com o projecto da modernidade e, deste modo, seria relegada para o segundo plano.

Esta refutação ou relegação do tradicional continua depois da independência nacional em 25 de Junho de 1975.

Com a adopção do modelo de orientação socialista foram aplicadas políticas de desenvolvimento rural nas quais constam as aldeias comunais (AC). ” Elas seriam um processo de enquadramento espacial das populações rurais e um processo de organização socio-económica” (Casal, 1996:109).

Segundo Serra, (1993) o colonialismo foi responsabilizado pelo atraso tecnológico o que determinou que a produção do campesinato fosse apenas para a sua auto-suficiência. Assim a agricultura moçambicana poderia considerar-se de feudal e não capitalista, havendo necessidade de enquadrar as populações num espírito de vida colectiva. Deste modo seria possível produzir em modelos “científicos” caracterizados, principalmente, por serem altamente mecanizadas e grandes consumidores de inputs químicos, sementes melhoradas, etc.

Então pode dizer-se que, com a adopção do socialismo, foram aplicadas políticas de desenvolvimento rural baseadas em métodos científicos e modernos e as aldeias comunais estabeleciam uma nova maneira de estar e de ver o mundo para as populações rurais.

“Face à experiência histórica do colonialismo, cujas marcas não desaparecerão tão depressa, nem de forma mecânica e impositiva, ao vigor da tradição e ao impacto do modernismo, propõe-se a todos que se dedicam aos estudos sobre África (Africanistas) e aos próprios Africanos intelectuais e políticos << uma ruptura epistemológica >> e que assumam uma atitude dialéctica. É o que ele designa por ”processo de dialectização” (Schwarz, 1979:85 *in* Mazula, 1995: 228).

Essa dialectização far-se-ia a dois níveis: ao do conhecimento e ao da realidade. Na prática implica dialectizar a tradição e modernidade, para que tende a uma reaproximação dialéctica dos factos da tradição e modernidade (*Idem*, p.87/91 *in*: Mazula, 1995:228).

No processo das A.C. essa dialectização não existiu. Estas continuaram a desagregação da família alargada que já havia começado desde o tempo colonial .

Para Serra (1993), uma das medidas que afectaram esta desagregação foram as limitações impostas na distribuição de talhões pois as famílias tinham que viver em espaços geograficamente separados. Famílias poligâmicas que viviam num mesmo grupo de habitações viram-se desarticulados com a separação das mulheres por bairros diferentes, filhos casados que residiam habitualmente com os ascendentes viram ser-lhes atribuídos talhões em zonas afastadas do talhão dos pais, etc. A nuclearização das famílias alargadas é uma demonstração da organização familiar característica das sociedades modernas.

Os mais velhos continuam a controlar as machambas da família no antigo local de residência, e encontram-se no centro da ligação com os antepassados. A luta entre a tradição e a modernidade faz com que a maioria dos camponeses velhos procurem fugir das AC através de um conjunto de várias estratégias e outros não participam no processo de aldealização .

Segundo Casal (1996), pode dizer-se que aqueles espaços que eram considerados de sagrados e, por conseguinte, sujeitos a práticas mágico-religiosas encontravam-se dissimulados fora da aldeia e do talhão, portanto na floresta, antigos locais de residência, cemitérios tradicionais. É aí onde, subtilmente, eram feitas as práticas do curandeirismo e de invocação dos espíritos. Verifica-se no fundo uma clivagem entre o espaço comunal que representava a “modernidade” e o da tradição reservado às práticas “proibidas” nas AC. Nesta clivagem a maior resistência é protagonizada pelos homens que lutam por manter aquilo que o novo discurso considera de valores da velha sociedade nomeadamente, a poligamia, o “lobolo, os casamentos prematuros, os ritos de iniciação, as práticas obscurantistas etc.

Ainda para o mesmo autor, a resistência verifica-se também no intuito de manter a antiga ordem social baseada nas relações de parentesco, contra a moderna que deveria basear-se nas relações de vizinhança impostas pela nova distribuição espacial. Na verdade, os aldeões foram desenvolvendo estratégias na tentativa de restabelecer e de reunificar a família alargada . Nestes casos pessoas da mesma família ocupavam três ou quatro talhões estabelecendo deste modo relações sócio- familiares próximas da família alargada, portanto, do tipo tradicional.

A dicotomia tradição-modernidade neste sentido irá ter implicações que se revestem no

papel social do idoso, entanto que transmissor de uma forma oral de um conjunto de práticas e de valores tradicionais. O quadro das transformações estruturais implicará que, de uma posição privilegiada de transmissor oral dessas práticas e valores que anteriormente eram assumidos, será ofuscado pelos condicionalismos da modernidade.

Os idosos tinham uma posição privilegiada pelo facto de eles afirmarem que “sempre fizemos as coisas desta maneira ou os nossos antepassados sempre acreditaram que isso fosse verdade” (Shils, 1981:303).

Em principio, todas estas crenças da superioridade do passado sobre o presente e da necessidade de o presente se conformar com os padrões incorporados no passado, poderiam ser relativos a qualquer tipo de sociedade ou instituição ou crença, desde que ela esteja localizada no passado. Poderiam ser acerca de um regime igualitário, acerca de uma República, acerca de um regime de Individualismo. Todas as épocas ou sociedades possuem a capacidade de estimular o afecto pelos seu sucessores (Shills,1981).

E, nesta questão de tradições, Mazula dirá que a tradição propriamente dita é uma mensagem que “transmite evidências para as gerações futuras e baseia-se somente (...) em narrativas de testemunhas oculares (...) realmente válidas”. Acrescenta Mazula, citando Hampatê Bâ, que é pela tradição oral que se penetra na história e no espírito dos povos Africanos, uma vez que ela é uma “herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitida de boca ao ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos séculos”. Ela “reside na memória de Africa” (Mazula,1995:136).

Porque estamos a falar de AC é lícito afirmar que é ao idoso a quem compete educar os jovens nas práticas e valores tradicionais mas fica ofuscado o seu papel pois, ele é marginalizado pelo próprio processo, na medida em que elas(AC) recusam as práticas tradicionais e naturalmente comprometem a transmissão oral dessas mesmas práticas. Isto tem implicações na transmissão oral dessas práticas e valores pois surgem novos actores e discursos inerentes à modernidade, e aquilo que era o papel social do idoso no que se refere às práticas e valores naturalmente sofre influências devido a mudanças estruturais.

A guerra dos 16 anos trouxe, também, várias transformações, pois desagregou ainda mais a família e esta mudança estrutural tem implicações na transmissão oral de práticas e

valores tradicionais e no próprio papel do idoso entanto que elemento veiculador da educação das novas gerações.

Geffray citado por O'Laughlin no "A Base Social da Guerra em Moçambique" (1992) vê a guerra em Moçambique como uma guerra civil, como expressão da oposição generalizada dos camponeses no campo às políticas da Frelimo, e identifica três focos de descontentamento nomeadamente :

- a) O aldeamento compulsivo;
- b) A existência de desemprego e descontentamento generalizado no seio dos jovens com a "Operação Produção" em 1983. Muitos deles não tinham emprego e foram devolvidos ao campo sem terem, pelo menos, condições que permitissem garantir a continuidade de estudos devido à falta de escolas suficientes;
- c) A destruição, pela Frelimo, dos chefes, régulos locais nomeados pelo governo colonial o que gerou descontentamento.

Sobre esta última alínea o sociólogo Serra (1993) refere que os camponeses, principalmente os que tinham a função de líderes sociais no quadro da sociedade tradicional como são os ex-régulos, os chefes de terra e, de uma maneira geral, os mais velhos, têm procurado estratégias que lhes permitiriam continuar as suas práticas tradicionais. Então, milhares de camponeses com os seus ex-líderes tradicionais aderiram voluntariamente à Renamo (p.15).

Assim, era suposto que na Renamo encontrassem o local apropriado para a manifestação das suas práticas e crenças. Mas não foi, porque "a colaboração entre a Renamo e a população local sob o seu controlo não era estável. A desilusão era inevitável" (O'Laughlin,1992:119).

A maioria de jovens que se mantinham na Renamo foi devido à falta de oportunidades no campo, combinada com o sentido de camaradagem masculina de guerra, a promoção social rápida, fácil acesso sexual, libertação do trabalho nas machambas, que fez com que a permanência na Renamo apareça como uma alternativa melhor que a deserção (Idem, 1992).

Ora, a instabilidade e movimentação constante dos camponeses à procura de um espaço tanto na Frelimo como na Renamo ou fora do alcance destes, provoca, também, uma

cisão na família. O idoso, não estando inserido na família como primeira instância de socialização, comprometia o processo de transmissão oral das práticas e valores tradicionais e, de igual modo, esta cisão tem influência no seu papel em relação às suas práticas.

Com a viragem para uma economia de mercado a partir de 1987, com o fenómeno da globalização e a assinatura dos acordos de paz (92) novos cenários desenham-se sobre o idoso e a sua inserção na família, factos que nos permitem fazer uma analogia com o processo de desintegração da família iniciada em 1940.

As políticas adoptadas a partir de 1987 e financiadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial (BM), têm sido apontadas como as responsáveis por uma maior pauperização das camadas mais pobres. Assim, um dos cenários é que, devido à carestia da vida, os filhos migram à procura de fontes de rendimento e isto aumenta a desagregação da família. O outro cenário "é que os mais atingidos pelo HIV/SIDA são os jovens e os mais velhos têm que tomar responsabilidade da família, dando alimentação e cumprindo com as regras da comunidade" (Tout, 1989: 129)¹.

Sintetizando, a desagregação da família alargada, que é a primeira instituição de socialização desde o tempo colonial, passando pelo período da implementação das políticas das aldeias comunais até à guerra dos 16 anos (inclusive), teve repercussões negativas na transmissão oral de práticas e dos valores tradicionais. A partir da abertura da economia de mercado verifica-se o incremento de outras formas de comunicação o que tem implicações no papel social do idoso.

2. O ESTUDO

2.1.OBJECTO DE ESTUDO

Em termos de objecto, este estudo visa discutir a questão da transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais, com particular ênfase ao papel que o idoso desempenha ou desempenhou na sua transmissão.

Porquê Magude ?

Interessa primeiro fazermos a caracterização geográfica, para depois mostrarmos as condições que se nos oferecem de acordo com o objectivo da nossa pesquisa.

¹ Traduzido em lingua Inglesa



Segundo dados recolhidos², o distrito de Magude localiza-se à cerca de 150 km da província de Maputo e é constituído por cinco postos administrativos nomeadamente Magude -sede, Mapulanguene, Panjane, Mahele, e Motaze. A norte o distrito é limitado pela província de Gaza, a sul pelo distrito da Moamba, a Este pelo distrito de Manhiça e a Oeste faz fronteira com a República da África do Sul.

Os postos de Magude-sede e Motaze são os mais populosos. O trabalho migratório para os países vizinhos, nomeadamente África do Sul e Swazilândia constitui uma das mais importantes fontes de rendimento familiar. Aliado a este facto, a venda de lenha, o trabalho remunerado, os recursos e o “ganho-ganho” constituem fontes alternativas de rendimentos. Para além das migrações das populações para os países vizinhos o distrito conheceu a experiência das aldeias comunais e o problema da guerra. Durante a guerra a maior parte da população se instalou definitivamente em alguns bairros de Magude- sede.

De acordo com os dados do ACNUR (United Nations High Comission for Refugees) até 31 de Dezembro de 1995 foram repatriados 627 refugiados da África do Sul e da Swazilândia. Além destes existiam no distrito, na altura do Acordo Geral de Paz em 1992, segundo o UNOHAC (United Nations Office for Humanitarian Assistance Coordination), cerca de 5000 deslocados internos, isto é 33% da população actual do distrito. Assim, de acordo com o nosso trabalho, Magude foi marcado pelo impacto das três fases que marcaram o país e a confluência de indivíduos de diferentes proveniências(localidades) tornou-se um elemento favorável à pesquisa.

2.2. O PROBLEMA

Na dicotomia tradição-modernidade, assiste-se na nossa sociedade a uma mudança na forma de transmissão de práticas e valores tradicionais. Na tradição o idoso tinha um papel importante na transmissão de práticas e valores tradicionais através da forma oral. Todavia com a modernidade surgem novos actores como a escola, a rádio, televisão, jornais e estes, naturalmente, trazem um novo cenário nas comunidades rurais. A presença destes actores tem implicações pois aumenta o número de intervenientes no papel educativo e na forma da sua transmissão. Deste modo, o espaço que anteriormente era “ monopolizado” por um

² Refere-se ao documento sobre o Perfil físico, Socio-económico e o Plano do Uso da Terra de Distrito de Magude, elaborado pelo Governo da Província do Maputo, Administração do Distrito de Magude, e Instituto Nacional de Planeamento Físico em Janeiro de 1999.

actor / educador com uma posição privilegiada vai ser partilhado por outros . A questão que se coloca é, se a oralidade era o principal meio de adquirir o conhecimento nas sociedades africanas se continuará a sê-lo face à introdução de novos actores da modernidade ou o seu lugar foi “usurpado”? Como falar do papel do idoso na forma de transmissão oral de práticas e valores tradicionais na modernidade ?

2.3. OBJECTIVO GERAL

O conhecimento nas sociedades africanas é transmitido de geração para geração através da comunicação oral sendo o idoso um dos pilares principais. Face a isso, a pesquisa tem como objectivo procurar saber até que ponto o idoso opera a transmissão oral de práticas e dos valores tradicionais nas comunidades rurais ?

2.4. OBJECTIVOS ESPECIFICOS

-Identificar até que ponto o idoso encontra-se inserido na família como primeira instituição de socialização.

-Identificar o papel do idoso no processo de transmissão oral de práticas e valores tradicionais na família em Magude .

-Procurar saber de que forma as mudanças socio-económicas e culturais verificadas no país teriam influenciado o papel do idoso na transmissão oral das práticas e valores tradicionais.

2.5. QUESTÃO DE PARTIDA

- Qual é o papel do idoso na transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais?

2.6 HIPÓTESE

- A oralidade constitui um problema para a manutenção do papel social do idoso.

2.7 METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica que constituiu a parte teórica e o trabalho de campo, a prática. A primeira

parte consistiu na recolha de obras e documentos publicados e não publicados que abordam a questão.

A segunda parte consistiu na elaboração de uma amostra aleatória de modo a garantir a representatividade. Nesta foram dirigidas entrevistas semi-estruturadas. Assim a amostra foi constituída por 25 idosos e 25 jovens. Esta amostra baseou-se no facto de os dados do UNOHAC (United Nations Office for Humanitarian Assistance Coordination) estipular a existência de cerca de 5.000 deslocados internos. Então para se garantir a representatividade calculamos 10% da população dos deslocados. Para garantir a aleatoriedade foi contactado o chefe tradicional que nos forneceu uma lista de todos os idosos a quem foram atribuídos números e posteriormente seleccionados ao acaso. Fez-se o mesmo para o grupo dos jovens mas, para o caso destes, foi contactado o secretário local da OJM (Organização da Juventude Moçambicana). De destacar que seleccionamos idosos e jovens por estes representarem dois polos nomeadamente o das tradições e o da modernidade, respectivamente.

O estudante teve, também, o caderno de campo onde foram feitas várias anotações sobre os aspectos positivos e negativos que interferiram nas entrevistas. Alguns aspectos positivos têm a ver com o domínio da língua (ronga) dos entrevistados por parte do autor, e da disponibilidade de tempo por parte daqueles. Quanto aos negativos denotava-se, em alguns momentos, a falta de memória por parte de alguns idosos.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

3.1. Enquadramento Teórico

Para o enquadramento teórico recorreremos às abordagens funcionalistas e neofuncionalistas. Segundo Parsons citado por Rocher (1976) quando as pessoas partilham dos mesmos valores, tendem a comportar-se de acordo com o que esperam das outras. Que esses valores partilhados são aprendidos e não herdados não os tornam menos importantes na motivação humana. Pelo contrário tornam-se parte da personalidade. Como tal mantêm unida a sociedade, pois o que é socialmente esperado torna-se individualmente necessário. E isso é importante para a estabilidade de qualquer sistema social(p.39).

A análise funcional até 1960 se processava da seguinte maneira:

Consideremos uma realidade complexa (S) que nos interessa porque alguns dos seus aspectos particulares resistem durante um certo período de tempo a variações internas e externas. No seio deste sistema (S) estudamos um elemento específico ou um subsistema(I) que participa no “equilíbrio” de (S) na sua homeostasia: (I) e (S) estão ligados por um dispositivo auto-regulador . A habilidade do Funcionalista consiste em esclarecer as relações que existem entre (I) e (S) (Lazarfield, 1970: 120,121).

Os neofuncionalistas dirão que é necessário introduzir o conceito de reciprocidade .

Segundo Gouldner citado por Lazarsfield (1970) estabelece que (I) desempenha uma função de (S) se as duas hipóteses forem realizadas : (S) retribui o serviço de (I) ; o serviço que (I) presta a (S) depende de uma função positiva desempenhada efectivamente por (S) em relação a (I) .Quando o sistema global (S) recompensa (I) pela sua contribuição, trata-se de um fenómeno de interacção que não levanta problemas (130; 131).

Ora, para o presente trabalho pretendemos assumir que a realidade complexa serão as comunidades rurais (S) e o subsistema será a família (I) como primeira instância de socialização. Nesta teremos o idoso des(in)tegrado e o seu conseqüente papel social na transmissão oral das práticas e valores tradicionais.

O (I) desempenha papel positivo para (S) na medida em que fornece um conjunto de valores partilhados por todos e mantém o (S) em equilíbrio. Tanto o (I) como o (S) aceitam a incorporação de novos valores (exteriores e interiores) e são reajustados contribuindo assim para o enriquecimento do (S).

Isto permite também a mobilidade do sistema. Dito desta maneira há uma continuidade entre a tradição e a modernidade, não se verifica, portanto, nenhuma ruptura, não obstante as formas de transmissão desses valores e o papel social do idoso, mesmo tendo em consideração que vai mudando para se adequar às novas realidades.

3.2. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

IDOSO: Não existe uma definição universal. Entretanto podem encontrar-se definições institucionais que também são variadas, e as que são de âmbito meramente popular.

Institucionalmente, tem sido norma tomar-se a idade da reforma como sendo um marco da passagem para a terceira idade. Neste sentido, em Moçambique, de acordo com a Política₁₂

Nacional da Acção Social, considera-se idosa aos 55 anos e idoso aos 60 anos.

As Nações Unidas em 1998 introduziram novas categorias de velhice ou seja jovens idosos que vai de 50 a 74 anos, o que corresponde à terceira idade ; e aos idosos mais velhos de mais de 75anos, o que corresponde a quarta idade.

No contexto popular a idade não tem muito peso, o que conta mais é a qualidade de vida da pessoa, o estado de saúde, se vive ou não na dependência dos outros, ou seja, organizações, associações ou familiares.

Neste meio encontram-se dizeres como ;

_Velho(a) é aquele(a) que já “voltou a ser criança” que não consegue andar nem trabalhar;

_Aquele(a) que mesmo querendo, já não consegue ter filhos ;

_Aquele (a) que já tem a pele enrugada, cabelo branco , por vezes desdentado, com capacidades físico- mentais diminuídas e, por conseguinte, já não consegue fazer nada senão depender dos outros.

Existe o termo velho que é usado para designar o idoso . Assim, velho é visto em duas vertentes ; uma positiva e outra pejorativa. No sentido positivo, velho é algo ou alguém que merece respeito e afecto devido à sua idade ou ao papel social que ocupa . No sentido pejorativo, este termo pode significar algo ou alguém cansado, gasto, usado ou sem valor (Da Silva, 2000: 9-10).

Para o presente trabalho, utilizaremos a definição mais usual no contexto popular que considera “ O velho como algo ou alguém que merece respeito e afecto devido à sua idade ou ao papel social que ocupa”, porque a essência do trabalho remete-nos para o idoso com um papel participativo.

VALOR: é uma maneira de ser ou agir que uma pessoa ou uma colectividade reconhecem como ideal e que faz com que os seres ou as condutas aos quais é atribuído sejam desejáveis ou estimáveis. O valor tem certos traços característicos :

- Situa-se na ordem do ideal e não dos objectos concretos ou dos acontecimentos. Enquanto ideal implica a ideia duma qualidade de ser ou de agir superior, a que se aspira ou em que nos inspiramos;

- Os valores são sempre específicos de uma sociedade e são-no, também, de um momento

histórico, porquanto variam não só no tempo como duma sociedade para a outra. A adesão a um valor resulta da mistura de raciocínio e de intuição espontânea directa, na qual a afectividade desempenha também um papel importante na medida em que orienta a acção das pessoas e das colectividades. É também esta carga afectiva que explica, pelo menos em parte, a estabilidade dos valores no tempo e no espaço e a resistência que encontra geralmente uma mudança de valor no seio duma sociedade . Finalmente a carga afectiva explica o facto de o universo dos valores comportar sempre uma parte de ambiguidade, e que os valores contraditórios possam coexistir facilmente (Rocher, 1989: 68, 72).

A outra definição de Rocher afirma que “um elemento dum sistema simbólico partilhado que serve como critério para a selecção entre alternativas de orientação que estão abertas numa situação pode ser chamado de valor” (Rocher, 1976:33).

TRADIÇÃO : segundo Shils (1981) as tradições são crenças com uma estrutura social e específica, são um consenso ao longo do tempo. São crenças que são aceites por uma sucessão de pessoas que podem ter estado em interacção uns com os outros, em sucessão ou, pelo menos, numa cadeia de comunicação unilateral mesmo que não seja intergeracionalmente contínua (p.298/9).

PRÁTICAS SOCIAIS: essa expressão é utilizada para designar o exercício habitual dos comportamentos. As práticas visam a aplicação, observância dos costumes e dos usos na sua dimensão material. Embora esta noção não se refira directamente à consciência das pessoas que em acção as pratica, também não as exclui (*in*; Dicionário de Ciências Sociais : 1982).

ORALIDADE: qualidade do que é oral; exposição oral. Oral: que se refere `a boca ; verbal; vocal; relativo ao que está escrito (*in*; Dicionário de Lingua Portuguesa :1995).

TRANSMISSÃO: comunicação verbal ou escrita; emissão radiofónica ou televisiva (*in* ; Dicionário de Lingua Portuguesa :1995).

3.3.MOTIVAÇÃO

Existe na actualidade um grande debate no qual insistentemente tem se abordado a questão da mudança de valores tradicionais e outros ainda preferem falar de degradação de valores morais. Para estes a degradação advém do facto de, na modernidade, não se respeitar os valores tradicionais africanos. Estes discursos tanto os da mudança como os da degradação dos valores acabam responsabilizando a modernidade como um mal que altera a maneira de ser dos africanos de uma maneira negativa, portanto esquecendo as suas raízes. É daí onde se fala sobre a necessidade do renascimento africano onde se realça a necessidade de valorização das tradições africanas e da construção de uma identidade africana.

A este facto se juntou também o de o estudante ter participado na cadeira Seminário de Pesquisa com o tema “ Pessoa Idosa: Peso ou Recurso? “ leccionada ao nível de bacharelato pela UFICS (Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais) no ano 2000. Nesta perspectiva de abordagem chegou-se à conclusão (preliminar) de que o idoso é um recurso porque possuidor de um conjunto de conhecimentos acumulados durante a sua vivência. Não obstante reconhecer-se a sua importância, por razões sócio-económicas, algumas famílias relegam-no ao segundo plano acabando por o considerar um fardo.

A vinculação destes factos trouxe algumas inquietações para o estudante, nomeadamente ; a de que se nas sociedades africanas a base de transmissão de conhecimento é oral e a família como primeira instância de socialização vê o idoso como um fardo como garantir a manutenção do seu papel de transmissor de conhecimento? Mas também se a maior parte fala de uma sociedade global, onde predominam as novas tecnologias de informação ainda devemos continuar a acreditar na oralidade como pressuposto funcional para a transmissão de conhecimento em África ?

Como estabelecer uma ligação entre esta quebra da transmissão oral com a nossa identidade Africana? Estas e outras inquietações foram as grandes motivações para que este tema fosse abordado na perspectiva proposta.

4. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo importa fazer o resumo de algumas obras que têm relação com o assunto em debate havendo, por isso, a destacar as obras de autores clássicos como Parsons e Shils assim como autores Moçambicanos como Alcinda Honwana e Felizardo Cipre. De referir que para os Moçambicanos trata-se de obras de produção académica.

Para Shils (1981) nada do que acontece escapa às influências do passado. Muito do que existe é uma persistência ou reprodução daquilo que existiu anteriormente. Tanto a mudança como a persistência são agarradas pelo passado. A modificação de crenças tradicionais tem, geralmente, lugar sobre a forma de pequenas inovações, feitas por muitas pessoas, que não são consideradas como se afastando significativamente da crença tradicional, se é que se considera mesmo que se afastam. Nas modificações existem sempre alguns elementos que persistem e isso faz com que não obstante as modificações mantêm algo que pertence ao passado. As coisas passadas possuem ou adquirem importância metafísica, religiosa e estética para os seres humanos e buscam um conjunto de crenças para resolver um fenómeno problemático.

O autor avança a hipótese de que, nas ciências sociais, no período da sua recente prosperidade, têm estado concentradas no estudo dos vivos. Elas tiveram, portanto, tendência para considerar o aspecto "histórico" como uma categoria residual da qual se extraem frequentemente explicações *ad hoc*. Existe uma tendência de analisarem os seus temas aqui e agora, em seqüências temporais de curta duração, nas relações de duas gerações vivas no momento do estudo (p.296).

Nas ciências sociais a comunicação é um elemento importante, pois permite a assimilação de uma cultura pré-existente. Os estudos sobre a socialização dão contribuições valiosas para a compreensão dos processos de transmissão de crenças, daqueles que até aí as tiveram para aqueles que, até então, não as possuíam, mas raramente estão ligadas à "tradição".

Os estudos sobre as mudanças nas crenças baseiam-se nas descrições de mudança no interior da vida de um indivíduo ou de uma população em vários pontos de uma seqüência temporal. São o mecanismo de ligação e o padrão sequencial que estão entre as propriedades constitutivas da tradição. As pessoas acreditam em certas crenças acerca da sua situação imediata e acerca da situação mais ampla que as rodeia e acerca do que está errado. Quanto a um recém-chegado, numa determinada sociedade ele tem que se "ajustar" ao que os outros fazem e para isso é instruído pelas autoridades, observa o que os outros fazem. Quando ele entra ao princípio é um "recipiente" daquilo que é "dado" daquilo que já existe. Esta situação é a mesma que o de uma criança na família. Assim, embora uma

das características constitutivas, talvez a principal, da crença tradicional seja o facto de ela ter sido realizada previamente, a sua aceitação presente ou realização- a sua continuação no presente- depende do facto desta ser entendida, por aqueles que recomendam a sua aceitação ou realização como tendo existido previamente.

Não é a identidade intertemporal de acções ou crenças que constitui uma tradição, é a filiação intertemporal de crenças que é constitutiva. A filiação implica a transmissão. Uma crença tradicional é uma crença que é aceite sem ser avaliada à luz de qualquer critério que não seja o facto de ela ter sido aceite antes. Nos casos em que os anciãos oferecem uma legitimação tradicional (“sempre fizemos as coisas desta maneira” ou “ os nossos antepassados sempre acreditaram que isso fosse verdade”) ela é claramente tradicional. O simples facto destes serem mais velhos do que aqueles a quem eles apresentam o modelo torna-os em representantes do passado (p.303).

A “ recepção consensual” é, provavelmente, um factor importante na aceitação de crenças e normas que foram observadas em anteriores gerações e que são recomendadas tradicionalmente aos mais novos pelos anciãos (p.304).

Parte da aceitação pode ser devido a presença de pessoas especialmente sensíveis ao passado em funções dominantes ou de uma incipiente disposição para reagir à qualidade passada de coisas, crenças e acontecimentos recomendados tanto autoritariamente como consensualmente. Para muitos que reconhecem a autoridade dos anciãos, a sua capacidade de persuasão é realçada pelo facto deles saberem como era a instituição antes dos mais novos para nela entrarem. A interação assimétrica permite que os mais jovens partilhem, até certo ponto, os estados de espírito passados que são personalizados e simbolizados por aqueles que são os mais velhos.

Na sociedade “ Juventocêntrica” os mais velhos continuam a ter preponderância e influência durante um período substancial e essa influência é realçada pela correlação entre a atribuição de poder e idade. A transmissão contínua de crenças baseia-se na necessidade de ordem, não só como um contexto estável para a acção instrumental, mas como um domínio transcendente do ser, centrado no sagrado.

Há casos em que mudanças tecnológicas ou ecológicas tornam possíveis mudanças nos

modos de trabalho e estruturas de parentesco e, muitas crenças tradicionais tornam-se inapropriadas, atenuadas ou são transformadas. No entanto, uma tradição totalmente nova e gerada de uma maneira drástica é um dos acontecimentos menos prováveis. As tradições “novas” emergem como modificações de tradições já existentes. A modificação de crenças tradicionais tem, geralmente, lugar sob a forma de pequenas inovações, feitas por muitas pessoas, que não são consideradas como afastando-se significativamente da crença tradicional, se é que se considera mesmo que se afastam. As crenças tradicionais podem sobreviver numa forma latente durante períodos de revoluções e a família exhibe uma maior resistência e poder de recuperação devido às ligações de parentesco.

Segundo Dias, Fernandes (*org.*1992) citando Parsons, refere que a comunidade societária focaliza a inter-relação de dois factores, isto é uma ordem normativa e uma população colectivamente organizada. No aspecto normativo podem distinguir-se as normas e valores. Os valores estabelecem a ligação entre o sistema cultural e o social enquanto que as normas são fundamentalmente sociais. Os valores adquirem prioridade no funcionamento de manutenção de padrões de um sistema social. As normas são, fundamentalmente, integrativas, regulam a grande variedade de processos que contribuem para a execução de práticas padronizadas de valor. O funcionamento da colectividade refere-se à realização efectiva de objectivos, em nome do sistema social. Como o sistema social é constituído pela interacção de indivíduos humanos, cada membro é tanto actor (que tem objectivos, ideias, atitudes, etc), quanto objecto de orientação, tanto para si mesmo como para outros actores. Cada um dos três sistemas de acção (Cultura, Personalidade, Organismo Comportamental) constitui uma parte do ambiente de sistema de acção (p.224).

Parsons, citado pelos autores (*org.*) afirma que os sistemas culturais são os valores, crenças e gostos comuns dos actores (sejam sujeitos ou objectos), os quais interagem através de sistemas de símbolos. A cultura se distingue de outros elementos de acção devido ao facto de ela ser transmissível de um sistema de acção a outro, de pessoa para pessoa, por meio da aprendizagem e de um sistema social a outro, por meio da difusão. Um actor que cresce numa determinada cultura aprende a “situar-se” de acordo com as normas dessa cultura. A cultura prescreve sanções positivas e negativas. O grau de aquisição das normas de valor da comunidade será afectado pela magnitude da necessidade do actor receber aprovação social e daí a sensibilidade do mesmo ante tais sanções .

Depois de referenciar os sistemas culturais, Parsons analisa o de Personalidade e acha que uma personalidade integrada deve existir aquela cujas matrizes de crenças-valores (isto é, cuja concepção do mundo) se somassem a um conjunto de formas relativamente consistentes de valorizar qualquer grupo de objectos. Para lograr essa personalidade integrada seria a consistência das crenças do actor acerca de seus pais e, em segundo lugar, acerca de outras figuras com autoridade. A interação faz com que seja possível o desenvolvimento da cultura a nível humano, conferindo a esta o seu significado na determinação da acção. Todavia, é necessário que haja um processo de socialização como meio de aprendizagem. Assim, a função de socialização pode ser resumida como o desenvolvimento dos comportamentos e capacidades do indivíduo, que são pré-requisitos fundamentais para o seu futuro desempenho de papeis.

No funcionamento do sistema existe, também, o desvio. Uma tendência para o desvio, é um processo de acção motivada da parte de um actor que tenha tido oportunidade de aprender as orientações requeridas e tende a desviar-se das expectativas complementares de conformidade com os padrões comuns. Para se evitar o desvio existem mecanismos de controle social que consistem, de certo modo, em processos que preparam o actor a fim de que este não enverede pelos processos desviantes.

Um outro aspecto importante é o da mudança e equilíbrio do sistema social. Entre os processos de mudança o tipo mais importante para a perspectiva evolutiva é o aumento da capacidade adaptativa, seja quando no interior da sociedade surge um novo tipo de estrutura, seja quando, através da difusão cultural e da interferência de outros factores em combinação com o novo tipo de estrutura, esse novo tipo surge em outras sociedades ou talvez em períodos posteriores. Um bom exemplo de um subsistema em mudança dentro de um sistema maior, é o da família conjugal. À medida que a criança fica mais velha e se torna mais socializada os seus papéis mudam na família. Se o papel da criança muda, o dos pais deve, também mudar de maneira complementar, para que a família, como sistema não se desorganize. Na sociedade, por exemplo, quando as normas de valor, como um código-legal possam ser reinterpretadas, também haverá tendência para a mudança. Qualquer sociedade na qual as atribuições criem ou fomentem insatisfações, estará aberta à mudança.

Segundo Honwana (2002) a noção de tradição encontra-se fortemente ligada ao poder e ao conhecimento. A competição sobre o que é que deve ser tradição seja ela inventada,

modificada ou reforçada, surge nos conflitos em diferentes forças sociais e políticas. A tradição é dinâmica.

Discursos sincretistas estabelecem ligações entre a possessão, a feitiçaria e a modernidade e, na maior parte dos sectores, estes discursos revelam um grande dinamismo. Os médiuns espirituais conseguiram sobreviver e florescer no meio rural bem como nalguns sectores urbanos pela sua adaptabilidade. Um dos argumentos da sua obra é o de que as tradições mudam e tornam-se modernidade e por isso considera-se uma arena entrelaçada em que os actores sociais interagem.

Quanto à religião, no sul de Moçambique existe uma maior interligação entre humanos e divindades, em virtude de se conceber que os agentes espirituais se apoderam dos corpos e das faculdades, vivem e se desenvolvem da mesma acção por partilharem uma existência combinada e integrada, mesmo que momentânea.

Nos processos de adivinhação e na cura, o diagnóstico do adivinho identifica a transgressão das normas sociais ou um comportamento incorrecto, exigindo-se uma reparação através da realização de rituais.

Segundo a autora, Honwana, em Moçambique estudos sobre possessão, adivinhação e outras práticas tradicionais foram amplamente realizados por quadros do aparelho colonial (Rita Ferreira, Santos Peixe, Gonçalves Costa, etc) e por missionários (Junod, Helgesson, Pereira). Existem também outros académicos como Fuller, Muthemba, Feliciano, Langa, etc. A maior parte faz uma abordagem estrutural-funcionalista (p.30).

Para ela a procura de adivinhação e da cura é uma procura de conhecimento que ultrapassa a percepção e compreensão das pessoas e que lhes possibilita restabelecer o equilíbrio nas suas vidas. E no sul de Moçambique o conhecimento é tido como um recurso escasso, e guardado por indivíduos escolhidos (anciãos, antepassados e os que por eles são eleitos) que deve ser passado de geração para geração.

Para Honwana, citando Parkin, o conhecimento é, pois, um “tesouro para os mais velhos” e um “alimento para os chefes” porque os torna poderosos e lhes granjeia o respeito que lhes é devido (p.34).

Considera-se que em Moçambique, embora haja variações de espaço e tempo, as crenças e práticas referentes a possessão pelos espíritos foram reprimidas, tanto pelo regime colonial como pelo regime pós-colonial. O governo da Frelimo rejeitou as práticas e crenças tradicionais ligadas à adoração dos antepassados e à posse pelos espíritos, rotulando-as de supersticiosas. Práticas como os ritos de iniciação, o lobolo (dote para a noiva) e a poligamia também foram desencorajadas e mesmo reprimidas por não estarem de acordo com as novas políticas que proclamavam a emancipação da mulher. De igual modo, a Frelimo agiu contra as práticas de cerimónias tradicionais. Foram proibidos os rituais de chuva e da fertilidade, kuphahla, tal como foram reprimidos os praticantes de medicina tradicional.

Mas, apesar de tudo as instituições tradicionais não desapareceram e continuaram a operar clandestinamente, tanto nas zonas rurais como nas urbanas. Isto significou uma oposição entre o novo e o velho entre a tradição e a modernidade.

A nova ordem política pretendia mudar o anterior estado de coisas para criar uma nova visão do mundo, assente numa interpretação científica para promover o progresso e o desenvolvimento e um novo padrão de relações sociais. Em finais de 1980 e início dos anos 90, a Frelimo optou por uma linha mais moderada tornando-se mais tolerante para com as instituições tradicionais. Para a Frelimo a tradição era estática, anti-mudança e adversária da modernidade.

Seria mais útil, segundo ainda a autora, considerar a tradição e a modernidade como uma arena interligada na qual os actores sociais agem de forma recíproca, passando de uma para outra e juntando as duas. É no processo de as juntar, nestes movimentos para atrás e para a frente, que os actores sociais criam novas modernidades.

Para Feliciano Cipire (1996), a sociedade tradicional em Moçambique ao longo de séculos pratica várias actividades da sua cultura que são transmitidas de geração para geração até os dias de hoje.

Essas actividades compreendem diversas secções como produtivas, educativas e recreativas. Das actividades educativas temos a oratura em todas as suas manifestações de

contos de lendas, adágios, adivinhas, provérbios e ensinamentos. A outra parte é a da medicina tradicional e da ciência oculta.

Nas actividades educativas, tal como em todas as sociedades do mundo, a comunidade tradicional organiza diversas actividades educativas para as mães, lactentes, raparigas, rapazes, adolescentes e os mais velhos. Esses ensinamentos são feitos na base de crenças no espírito dos defuntos (mitologia) e incluem certas regras a observar e certas proibições, ensinamentos esses que têm por fim garantir um comportamento seguro e uma paz e felicidade efectivas de todos os indivíduos onde vivem.

Quanto à medicina tradicional, embora o curativo dependa da acção dos medicamentos de ervas silvestres, a sua acção o médico tradicional acompanha sempre com ritos e rituais.

De acordo com a crença tradicional, há bons e maus feiticeiros. Os bons são aqueles que protegem a família dando lhes boas culturas e alimentos abundantes. Os maus espíritos são aqueles que determinam mortes atrozes. Mas compete ao oficiante ou sacerdote conversar com antepassados. Este é um indivíduo respeitado por todos, graças ao seu prestígio. Pode ser um velho régulo ou um idoso exemplar na família. É este que dirige as cerimónias de petição da chuva, do cereal do gado, da saúde, de um homem ou mulher para o casamento. Esta é a realização que se revela mais importante em todas as realizações da sociedade tradicional em Moçambique. No entanto, a família na sua expressão mais simples é constituída pelo marido, as suas mulheres, filhos e outros dependentes a ele ligados. A mãe cuida dos filhos enquanto pequenos, mas pouco se ocupa deles quando crescidos. As crianças do sexo feminino cuidam dos mais novos e as avós da terceira idade transmitem a educação ética aos adolescentes.

A família funciona como meio de controlo e equilíbrio social, forma de integração do indivíduo, um mecanismo de apaziguamento. É através dela que se regulamenta a propriedade e se assegura a protecção de todos os membros da comunidade.

Para contrair casamento e constituir família existem em Moçambique três tipos de casamentos: civil, tradicional e religioso. E para um jovem não entrar em conflito com diversos sectores chega a contrair três casamentos diferentes com a mesma mulher, tradicional, civil, e religioso, isto é, lobolo, do registo civil e da igreja respectivamente. O

casamento tradicional, nasceu da necessidade de existir um instrumento legal que testemunhasse a celebração do contrato de casamento entre filhos de determinadas famílias.

No sul do Save o casamento é sempre acompanhado pelo lobolo . Este desempenha na sociedade três factores importantes nomeadamente; económico, moral e social:

a) Factor económico : não é qualquer que a conquista, mas sim o que dispõe de poderes ou meios para o fazer. Para a realização do casamento são exigidas três condições importantes: a escolha da noiva, o pagamento completo do lobolo e entrega da noiva ao noivo;

b) Factor moral: os filhos que representam novos lobolos, são tratados com mais carinho e recebem mais cuidados de assistência, o que vai implicar mais moral da futura mulher;

c) Factor social: a mulher lobolada e com filhos em caso da morte do marido, passa a ser encargo da povoação onde vive, isto é sente-se protegida e para ela a situação do lobolo é um amparo nas contingências da vida (citado de Mechtild Von Boss Casqueiro) (p.60).

Hoje em dia é cada vez maior o número de moçambicanos que advogam a manutenção das características tradicionais da sociedade moçambicana e defendem que se mantenha a cerimónia de compensação com um carácter simbólico.

No que concerne à religião na sociedade tradicional, Cipire afirma que em raríssimas excepções, a sociedade tradicional em Moçambique pratica uma única religião: Ascentrolatria isto é, religião do culto dos antepassados defuntos. Acreditam no poder dos espíritos dos seus antepassados. Acreditam que são almas dos mortos que andam e que mantêm a influência directa nas sua acções e na conduta. Este culto dos antepassados iniciou na idade da pedra.

5. A PESQUISA : APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1. RESUMO DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo pretendemos apresentar o resumo das entrevistas sem comentários, pois estes estarão reservados ao capítulo a seguir. Quanto às entrevistas estas foram realizadas

a 25 idosos, e a 25 jovens no distrito de Magude, e esta será a primeira parte que diz respeito apenas aos idosos.

1. A maior parte dos entrevistados vivem na vila de Magude devido à guerra.
2. Nos primeiros anos da independência viviam em várias localidades de Magude mas quando a guerra começou foram obrigados a viver na vila, não tendo mudado depois do seu fim. Vivem com as famílias; marido, mulher e filhos em alguns casos com os netos a seu cuidado dado que os filhos foram à África do Sul.
3. Perguntado se costumavam ou costumam ser consultados pelas pessoas com quem vive(iam) ou outras, os entrevistados responderam que sim. Quanto a questões que colocam (vam) e o poder de decisão estes disseram que a maior parte dos problemas são os relacionados com conflitos conjugais³ e estes vão pedir conselhos para saberem como ultrapassar estes problemas. Estes conflitos nascem muitas vezes pelo atraso na preparação das refeições o que leva o marido a tomar posições violentas na medida em que acha que é falta de respeito, mas também no amantismo e é mais grave quando se trata do praticado pela mulher pois, para além do espancamento, resulta na expulsão do lar e, conseqüentemente, para todos estes casos procura-se um mediano e este, tem que ser alguém com experiência na vida e normalmente, são pessoas já de idade. Em termos de instituições do estado estes preferem consultar mais os chefes de quarteirão e o secretário do bairro pois têm receio que na polícia poderão ser cobrados elevadas somas em dinheiro que eles não possuem, mas também porque as represálias são mais pesadas.
4. Se na família quando há práticas de lobolo⁴, morte, evocação dos antepassados ou outros quem os dirige e se costumam participar neles, afirmaram que estas cerimónias são diferentes pelo que também são diferentes as maneiras como são tratadas mas, regra geral, todas elas são dirigidas por pessoas mais velhas pertencentes à família ou a um indivíduo idoso de confiança da família. Neste caso concreto pode ser o irmão mais velho na linhagem patrilinear. Mas, como se disse, há diferença quando se trata de "Mupahlo"⁵ tem de ser de facto o mais velho da família mas se forem casamentos, a família escolhe um

³ Discussão entre marido e mulher que normalmente resulta em violência física.

⁴ Casamento tradicional. Processo na qual o homem deve reunir alguns bens materiais que são entregues à família da mulher e que passa a legitimá-la como "esposa"

⁵ Consiste no sacrifício de animais, e utilização de bebidas tradicionais onde são evocados os antepassados, pedindo a sua bênção, tendo como mediano o idoso.

indivíduo de confiança, conhecido por todos e este recebe explicações sobre as normas da casa.

Quando se trata de famílias de tradição religiosa estas são dirigidas por religiosos e segundo as normas da própria igreja. Por vezes são os curandeiros (nhamussoros) que dirigem, mas em todos os casos são assistidos por pessoas mais velhas da família.

5. Sobre qual o valor que estas práticas têm, os nossos entrevistados disseram que depende na medida em que elas são várias. Mas se falarmos de lobolo, significa que é preciso respeitar a mulher, que ela não é qualquer coisa que se leva para casa sem obedecer a nenhuma norma. Igualmente, quando se faz o lobolo a família do noivo é respeitada e a mulher loboloda também sente-se satisfeita porque fica integrada na outra família com respeito. No Mupalho por ex., significa que é preciso evocar os antepassados pelo reconhecimento daquilo que eles fizeram quando em vida, e também que eles podem ajudar. Quando há falecimentos e as pessoas acorrem significa que há harmonia.

6. Sobre o período em que mais foram consultados a maior parte dos entrevistados afirmaram que é actualmente, pois agora têm existido muitos problemas a maior parte das pessoas não trabalha, a guerra levou todo o gado que as pessoas tinham e na agricultura não se produz nada, devido às secas cíclicas no Sul do país. Em suma a vida está difícil e traz muitos problemas de relacionamento.

Quanto ao momento da guerra não havia nada de conselhos pois as pessoas viviam de “qualquer maneira” e era difícil distinguir o que de facto era bom ou mau.

As pessoas procuram também outro tipo de conselhos como disse Obede Siteo (entrevista ; 2002: Magude) *“muitos dos seus colegas da Universidade têm vindo perguntar sobre aquilo que nós conhecemos da tradição e como vivíamos no tempo colonial”* enquanto Manuel Sambo (entrevista ; 2002 : Magude) prefere apenas afirmar que *“agora é tempo de confusão, por isso existem muitos problemas “*.

7. Quanto ao facto de brincarem com os netos e como, estes afirmaram que é obrigação pois é uma maneira de educar. Por exemplo, o mais frequente é mandar as crianças na compra de produtos alimentícios ou bebidas normalmente tradicionais ou mesmo rapé e terem que voltar cedo. Outro aspecto é que conversam com eles em changana e afirmam que, *“mesmo conhecendo português, iriam conversar com eles em changana porque são*

pretos e o português deve-se falar na escola.”

8. Perguntado se têm ensinado aos mais jovens as práticas de lobolo, evocação dos antepassados, etc como e porquê, afirmaram que aquilo que sabem da tradição têm ensinado aos mais novos pois é preciso saber aquilo que constitui perigo e é proibido fazer nas suas vidas. É preciso conhecerem e recordarem os nomes dos antepassados para saberem como evocar para terem sorte na vida. Ensinam-lhes pois dizem que também foram ensinados pelos pais e avôs. Eles viviam de uma determinada maneira e é esta maneira que os jovens devem aprender para viverem bem. Os idosos ensinavam, por exemplo, que era preciso lobolar uma mulher como forma de dar valor, pois como seria possível “viver com uma coisa que não fosse sua pertença?” Normalmente a única maneira que utilizam para ensinar é através de conselhos, e conversas com os mais novos. O que se aprende na escola é diferente é coisa dos “brancos”⁶

9. Se existe alguma mudança nessas práticas nas três fases que marcaram o país e como, estes afirmaram que a coisa que mudou foi o valor do dinheiro cobrado no lobolo, mas no Muphalho as coisas, na sua essência, são as mesmas.

No lobolo existiam capulanas, vestidos, casacos, vinho, rapé, bois, etc, e até agora isso existe. Actualmente muitas famílias cobram elevadas somas em dinheiro para o lobolo. Nos falecimentos verifica-se também muitas mudanças pois, nos tempos, não havia cerimónias religiosas mas agora existem, e alguns até cobram dinheiro. Como se pode ver é a importância dada ao dinheiro. Por exemplo segundo Ernesto Joaquim (entrevista; 2002:Magude) *“os bois que tínhamos era para comermos nos momentos de casamento, ou outras celebrações mas hoje em dia tudo é vendido”*.

10. Sobre quem pensa que também pode educar os jovens nestas práticas e valores e porquê, estes afirmaram que são os mais velhos pois estes conhecem a vida tradicional desde os tempos e foram ensinados pelos avôs e bisavôs. A escola só pode ensinar o tradicional recente e moderno. Por exemplo, hoje em dia fala-se português e é este tradicional recente que se pode ensinar na escola. Também a rádio ensina porque dizem que têm vindo a escutar alguns programas e músicas que falam da vida dos tempos. Aqueles que falam e cantam na rádio são “pessoas como nós” disseram os entrevistados, por isso, conhecem porque viveram o tradicional.

⁶ Entendido como coisas modernas.

Nota-se portanto a existência de dois tradicionais ; (um antigo, outro recente) e os tempos modernos.

11. Sobre se tem dado alguma oportunidade aos jovens para dirigirem essas práticas, estes responderam que, quando existem cerimónias tradicionais, o normal é dar-se aos jovens algum tempo para falarem mas compete aos mais velhos dirigirem, sendo eles, também, que fazem o último uso da palavra. Há ocasiões em que um jovem tem o mesmo nome do antepassado que está a ser evocado. Nestas condições é-lhe dada uma oportunidade para conversar e pedir algo como “ chará “ mas isso não significa que esteja a dirigir a cerimónia.

12. Quanto ao sítio onde o idoso vai, se ao tradicional ou hospital quando estiver doente e porquê, estes afirmaram que, no passado, quando alguém ficava doente a primeira coisa que ocorria é que tratava-se de feitiço. Por isso tinha que ir ao curandeiro para saber quem estava a enfeitiçar pois pensavam que toda a doença era motivada pelo feitiço. Assim, podia ficar de baixa no curandeiro um ano ou mais a ser curado, mas actualmente há muita diferença porque também existem hospitais. É que *“como sou crescido conheço o tipo de doenças que são curadas no hospital e as que são curadas no tradicional”* disse Mulhovo (entrevista ; 2002 : Magude). Por isso as pessoas dirigem-se tanto num como noutra, em função do tipo de doença.

Afirmam que há algumas doenças como a malária que as pessoas sabem diagnosticar e, por isso mesmo, vão ao hospital ou recorrem a algumas plantas ou raízes tradicionais, sem ser necessário deslocarem-se para os curandeiros.

13. Sobre a melhor recordação da juventude e a pior, é o facto de que no passado havia pouca pobreza, a pessoa cultivava, criava animais e, mesmo não tendo casa de alvenaria, não havia pobres porque não havia fome. Também porque dantes existiam muitas plantas tradicionais para curar doenças mas actualmente estas já não existem. Ainda assim, outros referem-se ao momento em que se casaram e o pior quando se divorciaram ou um deles tenha morrido. E detestam na família o facto de, no passado, qualquer problema que surgia as pessoas iam aos curandeiros e então tinha que aparecer um feiticeiro na família. Portanto, criava-se sempre desconfiança na família. Mas também há os que acham que o melhor momento foi quando eram beneficiados de uma bicicleta um rádio, uma geleira, etc.

14. Sobre como e com quem aprenderam as diferentes práticas e valores tradicionais, os entrevistados responderam que aprenderam dos avós e pais com quem conversavam muito quando voltavam da pastagem de gado. Era frequente sentarem-se na lareira durante a noite e ouvir estórias do antigamente. Mas também afirmaram que na juventude frequentavam locais onde se bebe e aí era frequente ouvirem muitas coisas do tradicional, além de que a própria vida ensina muita coisa. Mas, actualmente, apesar de tentarem transmitir aos mais novos, é difícil porque não param em casa, têm outros vícios e preocupações, para além de que gostam de escutar a rádio e conversar entre amigos até altas horas da noite ou a estudar.

15. Sobre as práticas tradicionais nas aldeias comunais se eram aceites ou não estes disseram que podia-se fazer mas era tudo às escondidas porque oficialmente elas eram recusadas. Muitas práticas eram realizadas às escondidas, com medo de represálias

De seguida apresentamos parte significativa da entrevista com o chefe dos curandeiros de Magude. Ela é destacada pelo facto de ser um líder espiritual.

Segundo o chefe tradicional dos curandeiros de Magude (entrevista; 2002:Magude), perdemos o tradicional quando aprendemos o português e esquecemos que os nossos antepassados não falam essa língua. É verdade que temos de aprender o português para falar com as pessoas dos outros países e também porque ajuda nas descobertas científicas.

No tradicional o importante não é escrever e deu o exemplo dos medicamentos tradicionais. Antes de serem tomados é preciso falar com os antepassados e estes falarem com Deus porque ele é o dono das árvores. Então o que cura são as raízes e a benção de Deus e dos antepassados.

Quanto ao falar com eles, mesmo os mais novos podem fazê-lo e a resposta positiva é quando o doente fica curado. É certo que pode-se tomar essas raízes sem falar com os antepassados mas o medicamento não terá muita eficiência.

Nos curandeiros existe aquilo que se chama de vacinar. Quando se vacina é porque existem feiticeiros e o curandeiro é a única pessoa que tem a capacidade de expulsar. O feiticeiro aparece quando o indivíduo não cumpre com aquilo que os antepassados

precisam e então eles saem de si (individuo) e deixa-o a mercê de maus espíritos.

No Mupahlo, antigamente, havia a bebida tradicional feita à base de milho e outros cereais e deixava-se fermentar, podiam cozinhar duas ou três vezes. Mas actualmente verifica-se a utilização de vinho, coca-cola porque estamos na era moderna, por isso há pessoas que utilizam para estes que morrem nesta época por conhecerem estas bebidas. No entanto, deve-se também utilizar aquela bebida tradicional, porque, na altura da evocação, começamos sempre pelos avós, pais e terminamos no filho.

II Parte

Esta parte é, como referenciamos na introdução deste capítulo a da apresentação do resumo das entrevistas, feitas aos jovens.

1. A maior parte dos jovens entrevistados vive com os seus pais ou tias.
2. Quanto às questões se vive com os pais ou avós que tipo de conversas tem abordado, e o que sabem sobre as práticas e valores tradicionais e qual a sua utilidade na vida prática, à estas duas questões acabaram respondendo da mesma maneira, isto é, o que entenderam na primeira acabou sendo respondido na segunda.

Os jovens responderam que aprendem coisas do passado, como, por exemplo, que um jovem nos tempos não podia ter uma mulher antes dos 18 anos de idade porque era considerado criança e que uma das condições era preciso fazer o lobolo, para isso primeiro tinham que trabalhar para ter dinheiro e cumprir com as exigências. Deste modo, quando atingissem uma determinada classe tinham que abandonar a escola para irem trabalhar e sustentar os irmãos mais novos mas também criarem condições para se casarem. Os jovens tinham também que abandonar cedo a escola para controlarem gado. Eram ensinados a terem respeito com o próximo e às jovens eram proibidas brincar com os rapazes tal como namorar cedo.

Dizem também que aprendem coisas do Mupahlo, que as pessoas devem evocar os seus antepassados. Por exemplo na agricultura, depois das colheitas fazia-se uma cerimónia que consistia em deixar um grão de milho em cada palhota e estes eram comidos por um dos netos e só depois é que se podia comer o produto da colheita. O não cumprimento disto poderia provocar doenças e más colheitas.

Afirmam que, com a religião, muitas famílias optaram por deixar algumas práticas ou, melhor, elas são realizadas de outras maneiras como é o caso da evocação dos antepassados. A necessidade de estudar para trabalhar e controlar os animais domésticos, respeito tanto para os antepassados como para os vivos são, portanto, alguns dos ensinamentos mais referenciados. Para alguns, quanto à utilidade, acham que há demasiadas práticas que são só para conhecer, pois não há outro tipo de aproveitamento que podem dar como, por exemplo, o praticado antes das colheitas.

Para outros e essa é a maioria, estes ensinamentos são importantes pois poderão contribuir para uma melhor vida no futuro, mas o que foi dado mais realce foi a necessidade de respeito para que as pessoas possam viver em harmonia, em solidariedade, isto é, os irmãos mais velhos preocuparem-se também com a vida dos mais novos. Quanto à sabedoria adquirida nas escolas, parece apresentar-se alguma diferença pois nos idosos há uma insistência de os jovens terem de deixar cedo de estudar para cuidarem dos irmãos mais novos, enquanto eles, os jovens, preferem continuar a estudar até ao nível superior se possível. Contudo, aceitam que é preciso tomar conta dos irmãos mais novos.

3. À pergunta se do que se sabe e se pratica existirá alguma diferença e se existe qual é, estes responderam que existe diferenças na medida em que eles (idosos) ensinam muita coisa antiga que, hoje em dia, não é possível ver e fazer-se na prática. Por exemplo, na juventude eles não iam à escola, viviam pastando gado, quando cresciam iam à África do Sul, a evocação dos antepassados, etc. A estas práticas os jovens têm conhecimento e acham que há diferença.

Os jovens referenciaram também o facto de existir uma diferença sobre como as famílias educam os seus filhos. Existem famílias que acham que são ricas e preferem educar os filhos de uma determinada maneira moderna que vêm na televisão, para acompanharem a moda, quando sabem desde os tempos como é que se devia educar por exemplo as maneiras de vestir. Também do que se sabe, existe aquilo que são os maus espíritos e era preciso fazer palhotas para guardar os antepassados e os venerar mas agora, como existe a religião, há uma tendência de diminuição.

4. Sobre, se ao longo das suas vidas, que locais onde viveram e que alterações têm

verificado nessas práticas, constatou-se que a maioria viveu noutras localidades e consideram Magude-vila como cidade. Nessas localidades afirmaram que é possível encontrar pessoas a ensaiarem danças tradicionais mas quando se encontram pessoas a fazer isso em Magude-vila, acham que elas são de baixo nível . É mais fácil encontrar jovens em Magude-vila a insultarem-se, tal como meninas a vestirem saias curtas e roupas apertadas enquanto lá nas localidades isso não acontece, para além de que as pessoas usam mais a língua changana enquanto em Magude-vila utiliza-se português. Mas quanto à evocação dos antepassados não existe nenhuma diferença.

Aqueles que viveram na cidade de Maputo afirmam que as pessoas cumprimentam-se sem utilizarem nomes enquanto que em Magude não. A maneira de vestir dos jovens em Maputo, segundo disseram tais jovens, é muito diferente isto é, “usam roupas apertadas enquanto que em Magude isto não é frequente”.

5. Sobre se estuda, escuta rádio, lê jornais, e o que acha do que aprende sobre as práticas e os valores tradicionais em relação ao que aprende no idoso, para alguns como os pais trabalham e estudam a maior parte dos assuntos escutam na rádio, mas também há outros que afirmam existir uma diferença daquilo que aprendem. Na família ensinam que é preciso deixar de ir para a escola para cuidar dos bois e dos cabritos, coisa que não acontece na rádio , isto é educam para ir à escola. Quanto ao estudar na escola as práticas e os valores tradicionais responderam que sim. A frequência dos que escutam a rádio é maior porque a maioria mesmo estudando não lê com frequência os jornais, uma vez que é difícil adquiri-los em Magude.

6. Sobre qual é a coisa que mais detesta (e a que mais gosta) na família, na sociedade, durante a sua vida, estes responderam que na família o que detestam é o facto de aconselharem para deixarem de estudarem e irem à África do Sul, ou cuidar dos bois e dos cabritos. São discussões entre os pais em frente dos filhos, é o facto de não haver fidelidade, principalmente, dos pais o que aumenta o número de mulheres e consequentemente, diminuem os rendimentos para sustentar a todos é, também, o facto de os pais não terem estudado e ser difícil entendê-los.

Sobre o que gostam a maior parte responderam que gostam de amor, unidade , a família visitar-se (harmonia). Na vida particular de cada um, eles gostam de estudar e fazer amigos e detestam não estudar, andarem a “aldrabar” pessoas roubar, etc.

Sobre qual é a "coisa" que mais apreciam na pessoa idosa e a que mais detestam, responderam que é o facto de este ser professor da vida e ele poder dar conselhos sobre várias aspectos da vida prática, e quando vêm uma questão que não está certo e pode estragar a vida dos jovens eles dão os seus conselhos. E o que detestam é ver um idoso que não sabe se colocar no lugar dele, beber demasiadamente, dormir na rua, insultar pessoas. Outros falam da maneira de vestir, principalmente, às idosas que recusam vestir-se como pessoas da idade delas, isto é, usam roupas curtas e apertadas.

7. À pergunta se têm participado em rituais ou encontros sobre direcção dos idosos e o que lhes representam, alguns disseram que não vão aos falecimentos porque ainda são considerados crianças. Mas essas cerimónias por um lado, ajudam a partilhar os sentimentos com outras pessoas, aprendem a tomar certa responsabilidade nas coisas do mundo actual, a conviver com as outras pessoas. Estas cerimónias significam que todos têm amor um pelo outro. Também é importante porque serve de ensinamento para o que irão enfrentar, um dia, na família.

5.2. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

5.3. Verificação da hipótese

Era objectivo da nossa pesquisa empírica e segundo os instrumentos de análise utilizados testarmos a hipótese segundo a qual " A oralidade constitui um problema para a manutenção do papel social do idoso".

Assumimos que o nosso campo de pesquisa empírica (trabalho de campo) seriam as populações que vivem nas zonas povoadas pelas populações fixadas durante o conflito armado e, por conseguinte, provenientes de diversas localidades de Magude. Elas encontram-se localizadas nas áreas próximas de Magude-vila e por serem originárias de regiões outrora abrangidas pelo conflito armado e pela experiência das aldeias comunais, reuniriam os requisitos essenciais de acordo com os propósitos que queríamos alcançar.

De acordo com a nossa hipótese de trabalho, podemos afirmar, tendo em conta a nossa periodização que, de facto, a oralidade constitui um problema para a manutenção do papel social do idoso. Assumiu-se que a oralidade é a base de transmissão de conhecimentos

tradicionais de geração para geração nas sociedades Africanas, particularmente em Moçambique e que o idoso tinha papel importante de um lado como legitimador e de outro como veiculador. No entanto, após a independência, com o discurso oficial da modernização, há refutação do tradicional no que concerne às práticas. Quando há refutação significa que se quebra o papel do seu agente neste caso concreto, o idoso e com ele a sua base de transmissão. Com o conflito armado, as pessoas estavam mais preocupadas em encontrar um lugar seguro o que trazia, como consequência, maior mobilidade. As pessoas não estavam em condições de identificar o que de facto era bom e mau, o que se punha como primordial era a sua sobrevivência o que, naturalmente, acaba tendo repercussões na continuidade da quebra do papel do idoso na transmissão oral de práticas e valores tradicionais.

Após o conflito armado, há um discurso político que autoriza e até estimula as práticas e valores tradicionais. A escola e a rádio desempenham papel importante na sua transmissão, pois alguns manuais escolares fazem referência aos mesmos por um lado e, por outro, a rádio tem programas e músicas que também abordam esses aspectos. Assim sendo, é lícito afirmar que, neste aspecto, a oralidade também constitui um problema para a manutenção do papel social do idoso.

Em síntese, podemos referenciar que nos três períodos diferenciais por nós propostos, a oralidade sempre constituiu um problema para a manutenção do papel social do idoso embora por motivos diferentes, segundo a nossa constatação. No primeiro momento, não podia ser importante na medida em que havia proibição de tais práticas, no segundo momento, com o conflito armado as pessoas estavam mais preocupadas na sua própria segurança e sobrevivência. Num período destes não se sabe o que é bom e o que é mau. No terceiro e último momento não obstante o encorajamento de práticas e valores tradicionais, há outros actores intervenientes, como a escola, a rádio, o que retira ou diminui a importância da oralidade como pressuposto base para a transmissão de práticas e valores e, conseqüentemente, do papel social do idoso. Conclusivamente, podemos dizer que a oralidade constitui um problema para a manutenção do papel social do idoso.

5.4. PONTO DE PARTIDA PARA A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Ao fazermos a abordagem das transformações do papel social do idoso e a transmissão oral de práticas e valores tradicionais nas comunidades rurais, remetemos o assunto para uma

perspectiva funcionalista e neofuncionalista.

As interpretações que forem discorrendo nos capítulos a seguir baseiam-se nessa perspectiva analítica e por conseguinte, procuraremos determinar o papel que a unidade (I), portanto o subsistema (família) desempenha no sistema (S) comunidades rurais, mas ao mesmo tempo porque razão o (I) desempenha esse papel e como é que o (S) recompensa (Lazarfeld: 1970;129).

A interpretação dos resultados dos entrevistados terá esse pressuposto e, por isso mesmo, vamos fazer a articulação de um conjunto de autores funcionalistas, neofuncionalistas e outros. O nosso ponto de chegada, portanto (a conclusão) pretende deixar claro, de acordo com o nosso esquema analítico, a funcionalidade ou não deste quadro mas procurando, ao mesmo tempo, evidenciar o teste da nossa hipótese.

5.5. AS PRÁTICAS E OS VALORES TRADICIONAIS : O PROCESSO DA SUA TRANSMISSÃO

As orientações de valor e outras componentes da cultura assim como também os objectos específicos acumulados que formam a tradição cultural, sob a forma de habilidades, conhecimentos e elementos transmitem-se à geração seguinte através do processo de socialização (Parsons *in* Castro e Dias, 1992: 228) e esse processo implica a interiorização dos valores apreendidos tanto na família como na escola ou em outros locais. A família será, portanto, a instituição primária para a socialização.

Assim neste capítulo, pretendemos fazer as abordagens das práticas como o lobolo, o Muphahlo e valores a elas acometidos como elementos integrativos do sistema. As definições destas práticas que vão discorrer ao longo do trabalho são produto das percepções dos actores neles acometidos. Estes elementos são apenas priorizados, de um lado, por terem constituído o quadro de exemplos que nos ajudaria na nossa reflexão sobre a questão de partida, isto é, "Qual é o papel do idoso na transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais ?" e, por outro lado, " porque o núcleo da análise funcional é o estudo -segundo Malinowisk citado por Merton (1970)-do papel que os factores sociais ou culturais desempenham na sociedade.

Neste contexto, assumimos que há um conjunto de valores que são partilhados pela comunidade, entendida como um sistema social e neles foram apenas seleccionados os supramencionados. “Esses valores são valores-orientação onde o actor não é livre de fazer absolutamente tudo o que quiser, operando num conjunto de constrangimentos. E estes se apresentam sob a forma de alternativas, que o actor pode escolher “(Ferreira,1995:229). Então, neste sentido não se tratará apenas de descrever as práticas na medida em que elas são algo manifesto, mas sim buscar os valores que elas encobrem. Esta maneira de expôr ajuda-nos a discernir aquilo que são as acções manifestas, mas também aquilo que está por detrás de tais acções, portanto, as latentes.

A adopção destas práticas vem desde o tempo colonial, segundo o marco histórico-temporal que nos propusemos analisar, e sofreram várias alterações nos três períodos que marcaram as diferentes fases no desenvolvimento do país. Assim, o período da implementação das políticas de desenvolvimento rural onde consta o projecto das aldeias comunais, com uma perspectiva de modernização e o período da guerra tiveram influência directa na continuidade destas práticas. Após a assinatura dos acordos de paz elas ressurgiram com algumas alterações o que na verdade prova o dinamismo a que as práticas tradicionais estão acometidas, de modo a adaptarem-se aos condicionalismos da modernidade, um dos quais é a crescente monetarização. Contudo, mantêm a sua essência de tradição na medida em que há um recurso sistemático de dialogar com os antepassados. Em termos de valores por exemplo a prática de lobolo defende sempre o respeito que se deve ter com as mulheres, isto é, dar maior dignidade. Este valor não mudou, embora logo após à independência o discurso oficial defendesse a emancipação da mulher como pressuposto para a sua valorização e dignificação.

Em termos do papel do idoso na transmissão oral dessas práticas e valores quanto à maneira como elas são aplicadas e concebidas, também verificaram-se algumas alterações pois este tinha um papel privilegiado como transmissor e legitimador desde o tempo colonial, vindo a diminuir no período pós-independência, para serem retomadas com a assinatura dos acordos de paz.

No lobolo existem vários requisitos necessários para a legitimação do acto, como a compra de vestuário para a “noiva”, para os pais da “noiva”, algumas bebidas como vinho, aguardente, algumas cabeças de vaca, dinheiro simbólico que era pago na altura da sua

celebração, etc. Durante este período, o que de facto mudou foi o valor monetário que é pago para se consagrar o lobolo. Algumas famílias optam por cobrar avultadas somas e este dinheiro já não é visto como algo simbólico, mas algo necessário para capitalizar a família.

Mesmo com a ocorrência deste fenómeno há uma aceitação tácita da necessidade de sua efectivação porque ele tem algo de simbolismo para os indivíduos directamente envolvidos por um lado, mas por outro, para a comunidade em si. Quando isso acontece, significa que os actores estão dentro das normas que são regidas pela comunidade e representa que os filhos da família "x" têm respeito pela tradição e, implicitamente, que acarretaram os conselhos dados pelos mais velhos que, para entrarem na vida adulta é preciso passar por estas práticas. Quando isto não se verifica, diz-se que os filhos da família "y" não têm respeito pela tradição e esta categorização é o que podemos designar por desvio. Tem repercussões directas na vida da comunidade, porque, em caso de surgimento de litígios conjugais, recorre-se como justificação ao facto de ser uma família que sempre viveu à margem das normas e, por conseguinte, ser algo já esperado e natural. Esta maneira de categorização é uma das sanções que se verifica e em caso de sistemáticos litígios, ou não terem filhos, por detrás está sempre o facto de ser um castigo dos antepassados porque foram contra aquilo que está preceituado.

Compete ao idoso que pode ser da mesma família, isto é da parte da "noiva" e do "noivo", a direcção deste evento. Para além deste idoso que é da família poderá ser também delegado um outro que seja das relações de confiança com a família que vai lobolar ou ser lobolada. Ser da confiança significa que é uma família que vive dentro das normas e práticas tradicionais sendo para ela algo de regozijo ser seleccionada. O regozijo provém do facto de ela estar a materializar aquilo que são os valores hierárquicamente valorizados dentro da comunidade, nomeadamente a dignificação da mulher. Então quando elas ocorrem, são convidados quase todas as pessoas da comunidade e aos convidados raramente apresentam razões para não se fazerem fisicamente presentes. É um momento ímpar porque nem sempre acontecem práticas desta natureza. Todavia, ao que tudo indica, por detrás está o reforço de pertença ao grupo, portanto à comunidade e assim se entende perfeitamente o porquê de não faltarem. Ambas as famílias ganham um lugar de prestígio na comunidade e este prestígio tem algo de útil na medida em que podem ser consultados em outras situações e aumenta também, a rede de relações que lhes socorre em situações de crise.

Referenciamos que aqueles que não cumprem as normas são sancionados mas o outro tipo de sanção é que as famílias que não constituem exemplo na comunidade não são solicitados como indivíduos de confiança que possam representar outras famílias nestas cerimónias. Os comportamentos individuais acabam sendo caracterizadores para toda a família. Em caso de crise pode ter influência em termos de afluência de amigos e de ajuda material.

A cerimónia de lobolo é orientada e é legitimada por um entendimento que envolve os idosos mas a presença dos jovens é também necessária. Normalmente são jovens casados com alguma experiência de vida e estes de, entre outras razões, é porque devem aprender na prática. Em algumas ocasiões a estes jovens é dada alguma oportunidade de fazer discursos ou alguns afazeres superficiais mas concomitantes com o acto. Isto é sinal de que dentro de cada prática existe uma certa hierarquização, há afazeres que são dos jovens e que estes consideram-se estar na fase inferior. Contudo, isso não retira a sua importância pois eles são necessários. No lobolo fala-se do processo de certificação dos requisitos necessários e exigidos pela família da noiva. Aquele que o faz domina esta tarefa e vai aprendendo na prática também aquilo que se deve fazer para o lobolo. No Muphahlo também existe a colocação das bebidas, dos animais e outros utensílios nos locais apropriados. Estar presente e receber tarefas subalternas é também uma maneira de treinamento para a entrada na idade adulta ou idosa e que possa permitir já orientar este acto. Compete, todavia, ao mais velho tomar o último uso da palavra e orientar os actos essenciais.

A diferenciação de papéis nestas práticas é bem nítida e cada um conhece o seu lugar e as suas responsabilidades. Tudo o que é feito é o mais velho que delibera e quando as negociações tendem a azedar ou tomar um rumo complicado recorre-se aos pais ou outros indivíduos da família que estão fora do centro das negociações mas que, no fundo, são um suporte, na medida em que estes recebem a delegação directamente envolvida no evento e, depois, se há qualquer percalço traçam-se novas estratégias.

Esta é a descrição da maneira como ocorre o lobolo, mas nas relações dentro do casal, há também uma espécie de submissão da mulher pois o marido terá cumprido as suas obrigações. Nessas relações o marido, não raras vezes, recorda à mulher quando há litígio que ela foi lobolada e portanto sujeita à algum tipo de sacrifício nos afazeres do lar. Isto

significa que ao marido são lhe também outorgados maiores poderes. O facto de ter sido lobolada implica que a mulher está inserida e aceite no grupo da família do marido e este no da mulher e, por isso mesmo, pode participar sem complexos nos diversos eventos em ambos os lados. As relações inter e intra familiares neste contexto são harmoniosas.

Pelo exposto, não pretendemos, de forma nenhuma, traçar uma linha rigorosa sobre como se processa o lobolo nas suas diversas vertentes nem sequer esgotarmos os valores que esta prática representa, assim como o tipo de relações que daí emergem. Pretendemos, isso sim, trazer algumas das suas vestes para mostrar que esta prática, enquanto valor normativo do sistema, desempenha uma função importante para a sua estabilidade mas e também que os idosos desempenham papel importante tanto na transmissão dessas práticas e valores como no acto da sua legitimação. A sua descrição limitou-se no interesse de mostrar a parte manifesta desta prática pois sendo ela aceite pela comunidade, desempenha uma função para o subsistema que é a família onde faz parte o idoso.

A crescente monetarização e as migrações trouxeram como consequência lógica a mudança da maneira como ela vem sendo praticada. Para além da parte manifesta mostrámos que ela tem implicações nas relações inter – individuais, marido e mulher e (vice-versa) e intra grupos isto é, nas famílias. Ela traz, como consequência lógica, o aumento da solidificação dos laços familiares e a maior dignificação da mulher.

Mostrámos que, devido as mudanças políticas, o papel do idoso em tanto transmissor oral dessas práticas e valores ficou diminuído na medida em que os discursos políticos ensaiaram os mesmos valores para a dignificação da mulher que é a emancipação. Estamos, portanto, numa situação em que para a mesma função são utilizadas instituições diferentes mas com o mesmo objectivo, isto é, a valorização do papel da mulher. É de recordar que durante as políticas das AC estas práticas eram refutadas ou na melhor das hipóteses não eram estimuladas.

No que respeita ao Mupahlo, este é geralmente realizado por curandeiros e pela igreja. A função manifesta desta crença é pedir a benção aos antepassados, dependendo da variação de pedidos que têm, que podem ser de chuva ou de prosperidade quando se trata de uma cerimónia comunitária mas também quando se realiza na família pode ser devido a problemas, como os dos filhos não terem acarretado as normas da família isto é,

abandonarem a escola, não gostarem de trabalhar, entregarem-se às drogas, etc. Então, para se estabelecer a normalidade da família, e não os excluir pede-se aos antepassados para que tenham compaixão e lhes perdoem. Estes normalmente são os relegados pelos antepassados, porque nós “ vestímo-nos ” deles e quando nos abandonam somos entregues a sorte, até mesmo aos maus espíritos. Isto provoca que se caia fora da norma.

O Muphahlo é, neste sentido, uma tentativa de pedir complacência e trazer os desviados à norma. Mas, para além destes tipos de pedidos, há outros que consistem em pedir sorte para a família ou quando o indivíduo vai trabalhar para fora do país, como África do Sul (o que é mais frequente em Magude), é normalmente antecedida de uma cerimónia desta natureza.

Compete, em todos os casos, ao idoso orientar estas cerimónias porque só ele é que tem a “capacidade de dialogar” com os antepassados e é ele que tem o domínio de todos os nomes a evocar numa determinada linhagem. Estes ensinamentos ele os aprendeu dos seus pais e avós. Em algumas ocasiões utilizam-se bebidas “modernas” como a coca-cola, o vinho mas mesmo assim continuam a ter maior primazia as bebidas tradicionais. É ponto assente que estas bebidas tradicionais constituem a essência e a utilização de bebidas “modernas” tem outra interpretação. E a interpretação é a de que pode acontecer que a pessoa a quem tenha que ser evocado tenha vivido nas épocas recentes, portanto quando já se consumia este tipo de bebidas. Há que se utilizar as bebidas tradicionais porque na altura da evocação começa-se sempre pelos antepassados da primeira linha e só depois é que se termina na pessoa mais recente.

Para além do idoso os mais novos podem fazer uso da palavra, principalmente quando a pessoa a evocar tem o mesmo nome que o evocador. Este pode fazer os seus peditórios, mas será em última instância o idoso que irá fazer o último discurso, não só por conhecer a trajectória e hierarquia dos nomes a evocar mas porque a sua idade também é legitimadora do próprio acto.

A igreja é considerada uma das instituições que também faz o Muphahlo mas de uma forma mais modernizada. Podem orientar os seus rituais em memória de um antepassado, mas tem como objectivo o de dar a benção, prosperidade à família das pessoas a evocar mas, mesmo nesses casos, os líderes religiosos são assistidos de perto por uma pessoa idosa da família e sempre é dada a oportunidade de dizer algo com referência ao acto. Dispensa-

se neste sentido, o uso de bebidas tradicionais porque a própria igreja, dependendo do tipo, rejeita o seu consumo. Este é um dos factos que fazem com que se afirme que a igreja faz o Muphahlo de uma forma moderna.

No período colonial era mais frequente a utilização dos dois primeiros actores, nomeadamente pessoas idosas na família e curandeiros denominados por “Nhamussores” porque vivia-se numa sociedade tradicional. Isto impunha que, de facto, se usasse com mais frequência bebidas tradicionais e não as que são consideradas de “modernas”. Mas, ao mesmo tempo, o facto de estes considerarem o tempo colonial como o de uma sociedade tradicional e em que, de facto, seguia-se o tradicional com todo o rigor dá mais credibilidade à nossa demarcação da modernidade a partir do período em que são implementadas políticas das AC. De recordar que o espírito de vida das AC, o colectivo, tinha como um dos pressupostos a produção em métodos científicos, de modo a garantir não só o auto-sustento mas também o abastecimento do mercado.

Estas práticas levadas a cabo quer pela família ou pelos curandeiros e religiosos não eram abertamente aceites nas AC ou no mínimo não eram encorajadas. Isto quer dizer que elas não eram funcionais neste período. Mas o valor que elas inseriam, que é a crença nos antepassados, continuou como uma constante no discurso oficial da era da modernidade. Os antepassados aqui são entendidos como àqueles que deram o seu contributo na luta de libertação nacional. Estes são legitimados como os heróis nacionais cujo exemplo deve ser reconhecido e, por conseguinte, servir de guia para as novas gerações.

É preciso aqui notar que são as práticas que eram refutadas e não os valores, que era a de crença ou outras funções que estão por detrás delas como a coesão e a harmonia do grupo. Estas faziam-se presentes no projecto das AC como tivemos a possibilidade de referenciar de que estes defendiam um estilo de vida colectivo.

Temos vindo a assumir que o idoso tinha um papel importante tanto como transmissor mas também legitimador destas práticas e uma vez não reconhecidos no contexto referido, é lógico que os idosos serão remetidos para uma posição subalterna ou mesmo relegados. A sua base de transmissão oral também fica ofuscada por diversas razões dentre as quais a necessidade de se priorizar um novo discurso.

O projecto das AC acabou relegando as práticas tradicionais para o segundo plano e

adoptados valores e práticas baseadas em métodos científicos e, portanto racionais, segundo a visão política da modernidade naquele contexto histórico. Não interessa neste espaço discutir estas práticas na medida em que elas não são tradicionais no espírito do modo como nós concebemos o tradicional.

De recordar que a família foi nuclearizada num modelo característico dos países modernos, isto é, pai, filhos. Partimos de princípio que, durante o tempo colonial, não houve grande interferência no quadro da família alargada e esta é definida como a "organização patriarcal dos pais, filhos solteiros, filhos casados e suas famílias, e ocasionalmente, irmãos e suas famílias, que vivem juntos debaixo da autoridade da família alargada (Tout,1989:12) e que apenas as condições económicas é que ditavam a sua desagregação, que era menos profunda que das AC. Menos profunda significa que houve sempre migrações, principalmente para África do Sul à procura de melhores condições de vida o que resultou na monetarização das famílias. Muitas destas afirmam que a sua maior felicidade foi quando conseguiram comprar rádio, televisores, geleiras, bicicletas, etc.

Ora, o apetrechamento com meios de comunicação como rádio, televisão faz com que passem a estar melhor informados daquilo que se passa no mundo e ao seu redor e traz como consequência lógica que deixem de depender exclusivamente do que se diz de "boca ao ouvido" mensagens essas que são a base do tradicional como foi dito e onde o idoso tinha papel importante pelos motivos já referenciados.

Recorde-se igualmente nas AC alguns idosos mantinham uma dupla residência, isto é a das AC e a anterior onde "guardavam" os seus antepassados e organizavam os seus rituais. Isto é elucidativo de que ainda acreditavam nessas crenças e que a nova maneira de viver em colectivo era, em si, conflituoso. Este conflito entre a tradição e a modernidade vai significar que " há sociedades nas quais um grupo dominante de instituições controla a sociedade no seu todo e super-impõe seus valores pela violência e pela ameaça de violência. Isso não precisa envolver nenhuma desintegração da estrutura social pois os homens podem ser condicionados pela disciplina formal " (Rocher,1976 : 48).

E, de facto, não se pode falar de desintegração do sistema na medida em que " uma grande proporção dos membros assumiu as legitimações daquela ordem" (Rocher,1976: 47) e nessa grande proporção encontram-se maioritariamente os jovens que aderiram a este

novo modo de vida. Sendo assim, assume-se que se mantinha a própria aceitação e equilíbrio do sistema. Porque supõe-se que o " sistema " uma vez estabelecido não só é estável como intrinsecamente harmonioso. Nessa linguagem, as perturbações do sistema têm de ser introduzidas no sistema (Parsons *in* Rocher, 1976: 51).

A ideia da ordem normativa assim apresentada leva-nos a supor uma espécie de harmonia de interesses como característica natural de qualquer sociedade (Rocher, 1976 :51). Neste sentido, a continuidade da crença do idoso na necessidade de continuar a " visitar " os seus antepassados no antigo local de residência não passa mais do que uma perturbação que o próprio sistema pode ou não aceitar. Essa perturbação é entendível no contexto das práticas tradicionais proibidas mas não dos valores que elas emanavam, como, por exemplo, a crença nos antepassados. Neste processo verifica-se a desagregação da família mas nunca a desintegração do sistema.

Durante a guerra dos 16 anos, esta desagregação continuou na medida em que, em certos casos, houve maior mobilidade de família, quer indo às zonas de influência da Renamo, quer nos da Frelimo ou fora do alcance destes dois. É, neste período da guerra, que a maior parte das famílias deixam os idosos à sua sorte e que, devido à mobilidade, acabaram perdendo-se sendo um dos únicos locais o centro de Saúde, local onde poderiam encontrar um refúgio. Assiste-se em Magude a uma elevada afluência destes no centro que também tinha papel de acolhimento. Neste sentido o idoso passa a ser um peso na família devido às contingências do próprio contexto da guerra.

Segundo o nosso entrevistado de nome Salomão (entrevista , 2002; Magude) *"no momento da Guerra a gente não sabe o que é bom e o que é mau, o que interessa é uma pessoa respirar e comer"*.

Ora o contexto da guerra contribui para a relegação do idoso da família porque ele passa a ser um fardo. Os mais novos dirigiam-se ao anoitecer para longas distâncias daquilo que denominam de "placar" e porque tinham de fazer este vai e vem, dificulta a mobilidade do idoso, e por isso, são deixados a sua mercê durante as noites "desenrascando à sua maneira". Outros, como se disse, abandonaram os idosos nas unidades sanitárias. Está claro que todo o saber tradicional ficou "esquecido" devido aos condicionalismos acima citados que não contribuíam para a sua transmissão. Quando a guerra termina, a quase totalidade

dos que estavam na unidade de saúde foram de novo inseridos nas suas famílias e, retomou-se a vida de uma maneira normal. Todavia porque Magude não possui muitas infra-estruturas económicas a maior parte dos jovens deslocam-se à África do Sul e deixam ao cuidado dos seus avôs ou pais, netos e noras. O constante recurso à África do Sul é uma prática que vem desde a época colonial embora tenha havido uma diminuição das migrações de mineiros para aquele país.

Estas práticas tradicionais são actualmente vivificadas e legitimadas pelas próprias instituições de poder político. Isto dá azo a que sejam utilizados outros meios como a escola, a rádio os jornais para explicar a importância que se deve dar aos acontecimentos desta natureza. É com base nestes meios que um projecto de ordem nacional é legitimado pelo poder instituído e pode ganhar foros de maior significação contribuindo, deste modo, para o respeito das práticas e valores tradicionais. É natural que com estes meios, a sobrevivência da oralidade como pressuposto para a transmissão de conhecimento nas sociedades africanas fica cada vez mais ameaçada .

Os próprios jovens afirmaram que alguns ensinamentos sobre as práticas e valores tradicionais conhecem-nas a partir da rádio e da escola. Um exemplo concreto é a cerimónia de evocação de Maguiguana Cossa chefe guerreiro de Ngungunhana, o rei de Gaza, que se realiza no dia 10 de Agosto de cada ano na localidade de Mapulanguene. Esta cerimónia é marcadamente tradicional porque há sacrifícios de animais, evocação dos antepassados pelos anciãos etc., e é noticiada pelos meios de comunicação social.

Em conclusão, pensamos termos conseguido mostrar que o Muphahlo é uma prática tradicional pois o idoso para além de poder dialogar com os antepassados, legitima também o próprio acto. Há uma crença nos indivíduos que o praticam de que, uma vez realizada, terão a bênção dos antepassados e as suas vidas serão melhoradas, isto é, terão sorte nas suas realizações diárias. Esta sorte advém do facto de os antepassados serem os seus guardiões e uma vez evocados terão eles (antepassados) a obrigatoriedade de dar melhor seguimento à vida daqueles que os veneram. O facto de ela ocorrer, insere também por detrás a coesão da comunidade, a identidade de grupo, de tal modo, que em cada dia 10 de Agosto de cada ano, dia de Maguiguana reúnem-se à sua volta todos os "Magudenses". Eles expressam colectivamente os seus sentimentos e afecto por aquele que representa o seu orgulho.

Estamos a fazer a abordagem de uma parte mais global que é a comunidade, mas também nas famílias ela representa algo de coesão uma vez que todos devem estar presentes. Comungam, portanto, o mesmo valor que é o da crença nos antepassados. Ainda assim, estes valores sempre estiveram presentes nas três fases de desenvolvimento do país ao se evocar os heróis nacionais. Nas três fases de desenvolvimento do país este teve um papel diferencial, e foi variando de acordo com as contingências políticas. Variou o papel que o idoso foi assumindo, como legitimador da prática. Desempenhou sempre papel importante mas, como transmissor, conheceu uma significativa diminuição.

Aos jovens a quem recai esta acção de transmissão acham que por vezes há uma certa conflitualidade entre os valores ensinados por outros agentes como a rádio. Acentuam a conflitualidade no facto de na rádio, ensinarem que é preciso estudarem até atingir o nível superior de modo a serem melhor recompensados, mas na família isto não é frequente. Devido à carestia da vida, os pais ensinam que é preciso estudar mas quando atingem a 6ª classe frequentemente são obrigados a interromperem os estudos.

Os idosos aconselham os jovens que é preciso procurarem emprego mas em Magde há poucas infra-estruturas económicas e também há pouca crença de em Maputo-Cidade se poder conseguir um emprego. Esta descrença em relação ao emprego em Maputo advém também do facto de a maior parte da população idosa ter trabalhado na África do Sul e pensarem que é possível ainda hoje terem um emprego naquele país. Os jovens são assim estimulados a migrarem para a África do Sul porque na realidade dificilmente encontram emprego no país e o argumento da necessidade de trabalharem é o de que devem tomar conta dos irmãos mais novos. Isto funciona, mais ou menos, como um círculo: os pais tiveram que deixar cedo de ir à escola para suportar os encargos dos seus irmãos mais novos e os seus filhos também devem-se orientar desses valores.

Esta é uma das contradições do que aprendem na rádio e na família mas também há contradição na socialização entre as famílias. Existem aquelas que são consideradas ricas e as que são consideradas pobres. Os jovens consideram famílias ricas aquelas que têm casa de alvenaria e televisão e estes educam à maneira moderna, quer dizer, à imagem de televisão.

Esta constatação dá validade à crítica de Merton ao postulado da unidade funcional da

sociedade segundo a qual as práticas e as crenças estandardizadas seriam funcionais não só para o “conjunto da cultura” mas também para cada membro da sociedade . Merton mostra que nem todas as sociedades possuem esse elevado grau de integração graças a qual toda actividade estandardizada desempenha uma função tanto para o conjunto da sociedade como para todos os seus membros. O crescimento de orgulho familiar, por ex., pode contribuir para destruir a solidariedade numa pequena comunidade rural e não para a reforçar (Esteves,1980:208). A não existência em número maior de famílias consideradas ricas proporciona a não destruição da solidariedade da comunidade.

Na escola os jovens aceitam que têm apreendido pouco de tradição nos manuais. Há um aspecto a realçar no concernente à escola como local de criação de uma rede de amigos e que contribui para a socialização de várias práticas. A maioria dos jovens estudam ou estudaram na Escola Secundária de Magude e funciona com um sistema de internato e a maioria deles vêm de outras localidades distantes. Isto faz com que, de facto, eles sintam-se num mesmo contexto social.

Falámos de actores socializadores que aparecem com a modernidade nomeadamente a rádio, a televisão e analisámos o papel da rádio como agente transmissor das práticas e valores tradicionais e constatamos, na nossa pesquisa, que a televisão não tem muita influência pois, só pessoas ricas é que possuem e estas são poucas na comunidade.

Assim, com o surgimento de novos actores socializadores o idoso, segundo ele mesmo, assume que há práticas e valores que constituem o tradicional antigo e é da sua competência ensinar aos mais novos, porque em português não é possível os mais novos aprenderem. Mas estes alegam que muitas práticas que são ensinadas do antigamente não estão em concordância com o momento actual. E então os idosos vingam-se naquilo que é o tradicional recente e aceitam que os novos agentes socializadores, já identificados, possam transmitir.

Sintetizando, é licito dizer que, com o surgimento de novos actores socializadores há novas práticas e valores que são adoptados e que são valorizados contrariando, até certa medida, aqueles que eram defendidos pelos idosos. O idoso também vê cada vez mais essas práticas e valores a serem veiculados pelos novos agentes. Esta mudança tem implicações naquilo que era seu papel, enquanto chefe da família e a sua função de transmissor oral vai ser

também realizada por outras instituições da modernidade.

Podemos concluir que a família como subsistema, aceita a incorporação de novos agentes socializadores porque desempenham papel importante para a vida da comunidade no seu todo.

5.6. UTILIDADE DOS VALORES NA VIDA DA COMUNIDADE

Para falar da utilidade destes valores é preciso admitirmos que eles desempenham uma função útil nas relações quotidianas, isto é, que existe motivação tanto por parte dos idosos como da parte dos jovens. Existe motivação porque mantêm a harmonia, o respeito e a coesão da comunidade.

É necessário, quando se trata do sistema ou do subsistema, evitar compromissos com padrões culturais que não conseguem definir um mínimo de ordem ou que colocam exigências impossíveis às pessoas e, deste modo, gerar um desvio ou conflito em grau incompatível com as condições mínimas de estabilidade ou desenvolvimento ordenado (Parsons *in* Castro e Dias, 1992:230).

Há dois momentos diferenciais da utilidade dos valores, sendo o primeiro quando a população leva a cabo a sua vida normal, isto é, nas suas relações quotidianas e o segundo quando enfrenta momentos de crise⁷ e estes serão analisados neste momento em que identificamos como o da modernidade.

Os valores tradicionais que foram interiorizados ao longo da sua vivência e pelas diversas instituições de socialização com maior primazia para a família, influenciam o comportamento e a integração dos actores no todo colectivo que é a comunidade.

Existe uma crença de que sempre as coisas foram feitas da maneira como estão sendo feitas e os antepassados sempre acreditaram que isso fosse verdade (Shils,1981:303), por isso fazem recurso a elas sem muito questionamento e nesse sentido elas tornam-se verdadeiramente tradicionais.

⁷ Quando há falecimentos, conflitos conjugais, mupahlo, doenças, pois entendem que é necessário fazer-se recurso à uma rede de relações, para a realização devários rituais e, com estes estabelece-se a normalidade do funcionamento da família.

Na sua vida quotidiana pautam pelo respeito pelos valores como um sistema normativo e isto garante o equilíbrio do próprio funcionamento da comunidade. Como no capítulo anterior fizemos recurso a alguns exemplos, retomamos os exemplos anteriores e outros que possam contribuir para melhor afloramento e compreensão da questão em debate.

Um dos momentos de crise na vida de uma comunidade é nos falecimentos, e Magude não é uma excepção. Nos anos do tradicional antigo, para retornarmos o termo utilizado pelos nossos entrevistados, não existiam rituais religiosos apenas enterrava-se o defunto e faziam-se alguns elogios fúnebres. Actualmente há com maior frequência o recurso aos rituais religiosos. O facto de a maioria recorrer a elas tem uma função latente de transmitir harmonia e coesão da comunidade ou de algumas famílias. Esta questão das funções remete-nos para uma passagem de Merton que afirma “funções manifestas: consequências objectivas que para uma unidade determinada contribuem para o seu ajustamento ou para a sua adaptação e funções latentes : que são consequências da mesma ordem mas involuntárias e inconscientes (Esteves , 1980: 213). Na verdade, o recurso aos rituais é uma prática que norteia o seu significado, mas também demonstra a coesão e a unidade da comunidade, ou de algumas famílias.

Para além deste momento de crise existem os casos de conflitos conjugais que normalmente são mediados por idosos e têm também a competência de deliberar. E os conflitantes mudam de comportamento na maioria dos casos. Ao se dirigirem ao idoso é porque têm a noção de que este ocupa um lugar, o de poder. Poder este que é o da idade e por conseguinte tem uma autoridade baseada nos anos de vivência. Evitam, os conflitantes, deslocarem-se às autoridades administrativas, como é o caso da polícia porque pensam que nestes serão cobrados elevadas somas em dinheiro. A polícia, aos olhos da comunidade é uma instituição moderna e por isso está ligada ao dinheiro, e acham mais conveniente a utilização de mecanismos tradicionais na resolução dos seus problemas. Só que, quando o assunto se torna grave, isto é, quando não acatam o mediano e há uma reincidência em actos de violência é que se procuram as autoridades policiais, para sanções mais pesadas. Assim dito significa que as sanções que são levadas a cabo dentro dos valores tradicionais são menos pesadas com relação às modernas.

Os “casamentos” são dirigidos por pessoas idosas, são elas que têm o papel legitimador e, como tal, são eles que são o primeiro recurso, quando há litígios. Esta pode ser também uma das explicações, para o seu recurso para além da do dinheiro.

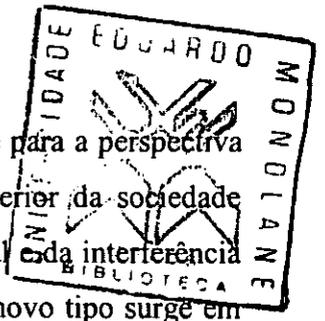
Porque continuamos a fazer reflexão sobre os momentos de crise, há o caso de doenças. No âmbito das práticas tradicionais antigas a maioria das doenças eram causadas por feitiçaria e, por isso mesmo, o primeiro sítio a visitar era nos curandeiros. Estes tinham duas funções nomeadamente o de desvendar o feiticeiro e o de tratar doenças através de medicamentos tradicionais (raízes de diversas árvores ou várias plantas). Esta prática era funcional porque havia curandeiros sérios e também porque não havia hospitais.

Quando se alcança a independência nacional, em 1975, há um encorajamento para que as doenças fossem tratadas nos hospitais portanto numa instituição moderna e isto tem a ver com o próprio discurso de olhar para as instituições da tradição como algo que não respondia às exigências da actualidade.

Mas a partir do ano em que se volta a valorizar a tradição há uma crescente utilização dos curandeiros embora haja desconfiança tanto nestes como nos hospitais. Observa-se, portanto, um outro trilho no qual o apelo referencial à pré-modernidade médica contrasta com a impotência crescente da modernidade (Serra,1997, 207).

O que acontece actualmente é que existem trabalhadores nos hospitais, e muitos curandeiros que não são sérios porque estão interessados em “extorquir” o dinheiro das pessoas. O tratamento nos hospitais implica também a necessidade de elevadas somas em dinheiro enquanto que os curandeiros inventam doenças, e feiticeiros, com o objectivo último de se enriquecer à custa dos aflitos. Observa-se, portanto, uma mudança de actores, enquanto que no tradicional antigo quem dominava a acção eram os curandeiros no moderno verifica-se uma alternância em termos da sua aplicabilidade.

Enquanto durava o período em que as instituições políticas tinham um discurso a desfavor das práticas tradicionais fazia-se recurso crescente aos hospitais mas quando se retoma um novo discurso, o do respeito pelo tradicional, as pessoas voltam a visitar com alguma assiduidade os curandeiros, embora também visitem os hospitais. É no entanto difícil falar em termos de percentagens mas muitas são as pessoas que visitam o tradicional. “Ao fim e ao cabo existe, de novo, uma concepção da vida que apela aos espíritos para explicar, proteger e curar os problemas quer sejam eles naturais ou sociais”(Serra, 1997:208).



Estamos a falar de mudanças e quando é assim o “tipo mais importante para a perspectiva evolutiva é o aumento da capacidade adaptativa, quer quando no interior da sociedade surge um novo tipo de estrutura, quer quando através da difusão cultural de outros factores em combinação com o novo tipo de estrutura, esse novo tipo surge em outras sociedades ou talvez em períodos posteriores (Parsons *in* Castro e Dias ,1992: 239).

A mudança da estrutura da sociedade muda também a importância dada ao idoso e aos seus ensinamentos no âmbito das práticas e valores tradicionais, porque ocorrem fenómenos novos como os da existência da falta de seriedade. No entanto, consideramos que existe uma continuidade entre a tradição e a modernidade em termos de utilidade desses valores que é a crença de que a doença é tratada por outros conhecedores da matéria. Ora, a explicação a seguir irá consubstanciar e argumentar ainda mais a posição acima mencionada.

Há um determinado tipo de doenças que os mais velhos conhecem pela sua idade e que devem ser tratados de uma maneira tradicional sendo, por isso, que se faz recurso aos curandeiros porque sabem diagnosticar e conhecem a cura em termos de medicamentos também tradicionais. Aqui também são desvendados os feiticeiros, isto é, os promotores das doenças e por consequência, quando há este tipo de doença dão conselhos aos mais novos e estes porque aprendem, acabam sozinhos por saber onde se dirigem. Afirmam os entrevistados que, por vezes, o próprio hospital quando se confronta com este tipo de doenças aconselham o doente a se dirigir ao tradicional porque no hospital não tem cura. Mas esta maneira de ser é uma contraprodução à posição de Colomy (neofuncionalista) segundo a qual nos processos de mudança são detectáveis, tanto fenómenos de diferenciação como de des-diferenciação-inversão do processo de diferenciação que acontece frequentemente, como resultado de descontentamento com a modernização (Ferreira,1995:240) na medida em que não há descontentamento pois a população se dirige para onde achar conveniente de acordo com a doença.

Com as AC e o deflagrar do conflito armado acentuou-se ainda mais esta mudança porque como diz o chefe dos curandeiros de Magude (entrevista, 2002; Magude) *actualmente existem muitas doenças que não existiam no tempo colonial. Naquela naquela altura nós sabíamos que a doença tal é motivada por coisa X e era preciso irmos no mato procurarmos a planta, as folhas ou a raiz tal. Quando fomos para as AC deixamos de*

fazer isso porque lá já havia hospitais, também não éramos admitidos a fazermos o nosso trabalho. Durante a Guerra da Renamo/Frelimo muitas dessas plantas e ervas desapareceram e mesmo quando vamos para o mato à procura é difícil encontrarmos”.

Mas os mais novos, que são o “recipiente” o qual recebe este conteúdo de práticas e valores têm, também, uma opinião que se ajusta aos mais idosos quanto ao tratamento de doenças pelos curandeiros. Afirmam que o recurso constante ao curandeiro pelos pais é uma das coisas que mais detestam apesar de reconhecerem que existem doenças que devem merecer melhor tratamento por estes. Isso porque cria desconfiança e desarmonia na família. E esse detestar é consubstanciado pelo facto de gostarem de estudar. Eles dizem que gostam de estudar porque garante-lhes um melhor emprego, mas também aumenta a sua visão do mundo e melhor interpretação no que diz respeito às doenças.

A massificação da educação e de saúde surge com as práticas das AC em tanto que projecto da modernidade e, portanto, é aceitável afirmar que mudam as práticas tradicionais, na modernidade. Enquanto duravam os primeiros momentos nomeadamente o das AC e o da guerra havia a necessidade de dar como valor a crença de que só o hospital é que era capaz de resolver os problemas relacionados com a saúde e a crença dos poderes sobrenaturais era posto em causa. Mudam nesta perspectiva tanto as práticas como os valores, mas neste último em termos de instituição. Esta mudança é motivada por uma maior visão que os mais novos passam a ter, embora não recusem a necessidade de visitar os curandeiros como prática que vem desde os tempos passados. Quando alguém adoece convive com dois polos de valores: a crença na ciência moderna e na tradicional. Mas quanto ao idoso, devido às mudanças que se operam ele não é mais o principal veiculador do discurso do tradicional na modernidade na medida em que as próprias instituições como o hospital aconselham o doente a ir para o tradicional, respeitando as suas crenças.

5.7. VALORES TRADICIONAIS NA MODERNIDADE : UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS MUDANÇAS

Os valores tradicionais não são estáticos, obedecem a uma dinâmica que lhes é imposta pelas transformações sócio-económicas e culturais que se observam tanto no país como no contexto internacional. (p.ex. o fenómeno da globalização que toca a todos os países). No país, o discurso político actual vivifica o tradicional e tem sido objecto de pesquisa para o aumento de conhecimento daquilo que são as suas principais vestes.

Com efeito, segundo o entrevistado Obede Siteo (entrevista, 2002; Magude) 61 anos de idade "*muitos dos seus colegas da Universidade têm vindo ter comigo para perguntarem o que é que nós conhecemos da tradição e como vivíamos no tempo colonial. Os meus filhos quando eu mandava alguma coisa ou ensinava uma determinada coisa e não faziam eu batia para poderem ter respeito, mas agora ninguém respeita a ninguém porque não podemos bater às crianças, mesmo na escola elas não podem levar porrada*". Esta maneira de ser implica que o respeito como valor era interiorizado de um determinado modo, o que veio a mudar com as transformações actuais.

Para Alberto Samaco (entrevista, 2002; Magude), 59 anos de idade "*aquilo que sei da tradição ensino aos meus filhos ou aos mais novos para saberem enfrentar a vida. Digo como é que nós vivíamos nos tempos. Agora têm sorte porque podem ir `a escola, assistem à televisão, e têm rádio e eles aprendem muita coisa. Nós nos tempos não tivemos essa sorte . Eu sei que aquilo que escutam e estudam na escola sobre o tradicional foi feito por pessoas que estudaram por isso não pode ser diferente com o que nós sabemos.*" Enquanto no acima referenciado denota-se que o valor, o respeito, mudou quanto à maneira de aprender, aqui como ilação importante é a existência de outras instituições que concorrem para a interiorização e a maneira como desempenham a sua função.

Todavia como valor o respeito faz parte tanto da maneira de viver tradicional como da moderna. Esta afirmação pode ser consubstanciada pela entrevista de João Ernesto (entrevista, 2002; Magude) de 19 anos de idade "*o que eu aprendo com o meu velho é importante porque ensina-me o respeito, quando eu encontro pessoas mais velhas tenho que saber respeita-las. Também ensinam-me a maneira como devo conviver com os outros, não roubar coisas de ninguém, estudar, trabalhar para poder cuidar dos meus irmãos mais novos e da minha vida porque eles estão velhos e um dia vão morrer e tenho que ser eu o responsável da casa.*

Como valor normativo da sociedade, então pode-se concluir que tanto no tradicional como no moderno, há uma necessidade de os indivíduos, nas suas relações diárias, pautarem pelo respeito que passa pelo reconhecimento das instituições que têm a obrigatoriedade de sua transmissão, os indivíduos reconhecem a submissão em relação ao respeito e materializam-no naquilo que são as suas relações do dia à dia.

Quando as pessoas conhecem o que deve ser respeitado, e como o devem fazer, estão a cumprir com um sistema normativo. Mantêm ainda a coesão da comunidade como um todo. O que de facto muda são as práticas desse valor pois os jovens, por exemplo, assumem que algumas delas estão ultrapassadas pelo tempo.

Carlos Ubisse (entrevista, 2002; Magude) de 21 anos de idade *“a maior parte das coisas que os velhos ensinam não tem validade. Estão ultrapassadas, nós neste momento não vivemos nisso. Eu por exemplo vivo na religião, dantes os nossos velhos ensinavam que antes das colheitas era preciso primeiro pôr um grão de milho na porta de cada palhota da família que deveria ser comido por um dos netos. Depois deste comer é que se poderia fazer a colheita e isso representava o respeito pelos antepassados e também dava garantias de uma boa colheita no ano seguinte. Eu pergunto, para que é que isto serve actualmente? Dizem que uma mulher em casa quando se dirige ao marido deve ajoelhar-se como sinal de respeito principalmente depois desta ter servido a refeição ou preparado a água para o banho. Na minha casa isto não acontece. No entanto há respeito.*

A modernidade aparece com uma necessidade cada vez mais crescente de monetarização e está a ser responsabilizada por várias alterações na forma como algumas práticas tradicionais eram levadas a cabo.

Para algumas práticas como o lobolo, como tivemos a possibilidade de referenciar, o dinheiro que se paga já não é simbólico, é uma forma de rentabilizar e monetarizar a família mas os mais velhos aceitam ou, melhor também são participativos neste processo de mudanças. Mas a mudança dessas práticas não muda o seu valor que é a dignificação da mulher. Pelo que é mais do que óbvio que existe uma compreensão das transformações da realidade social em que elas estão inseridas. Os idosos não estão amarrados à tradição no sentido de conservadores das práticas, mas numa relação dialéctica em que o velho aceita sempre a incorporação de novos elementos e desta maneira não se pensa no sistema como algo estático mas pelo contrário mutativo, mutação essa que continua a manter o equilíbrio do sistema. Estamos deste modo a tentar argumentar a nossa tese de que não existe nenhuma conflitualidade e, que porque as práticas existem na sua forma e no seu conteúdo e elas continuam a manter a sua essência de tradicionais dentro dessa dialéctica não mudando também os valores à elas adstritos.

Com a modernidade surgem os hospitais no entanto, já existiam os curandeiros. As doenças são curadas tanto no hospital como nos curandeiros porque as populações ganharam consciência que devem ser curadas de um ou de outro lado, dependendo da natureza da doença. Esta visão leva-nos a afirmar que existe um valor baseado na crença nos poderes dos antepassados mas também na ciência, portanto, na razão. Mas o facto de a população saber identificar o tipo de doenças que se pode curar no hospital ou nos curandeiros faz com que cheguemos à conclusão de não existência de conflito com as instituições da modernidade. Existe, isso sim, o reconhecimento da sua utilidade mas também da utilidade do tradicional. Deste modo a modernidade "é ao mesmo tempo, liberdade e trabalho, comunidade, ordem e movimento. Reune o que estava separado e luta contra as ameaças de ruptura que tendem, mais perigosamente que nunca, a separar o mundo das técnicas e o das identidades" (Tourian, 1992:435).

Portanto, não obstante o desenvolvimento das técnicas, estas não devem nunca separar o mundo das identidades que provêm desde os tempos das gerações passadas, apesar das suas mutações, pois mantêm na sua essência.

No capítulo anterior fizemos uma reflexão sobre os actores socializadores na modernidade e afirmámos que a rádio, a escola e a televisão desempenham também papel importante na transmissão de práticas e valores tradicionais e que, por isso mesmo, diminui o papel do idoso em tanto que transmissor oral destas práticas.

Dissemos que na comunidade, as famílias que tinham televisor eram consideradas ricas e, por isso mesmo, algumas delas tinham determinadas práticas contrárias à comunidade como é o caso da maneira de vestir das suas filhas. Mostramos que a alteração de algumas práticas não significa a mudança de valores à elas acometidos na modernidade. Formulamos alguns exemplos como o do lobolo e da sua variação como prática mas continuando a manter os valores que por detrás ele esconde. Também recorreremos à cura para afirmar que as práticas de se deslocar ao tradicional neste caso ao curandeiro e ao hospital dependem da visão que se tem de uma determinada doença. Assim, muda a crença no que diz respeito ao sobrenatural e às instituições da modernidade apesar disto não representar nenhuma contradição. Porque continua a manter a crença de que a cura da doença é feita por instituições apropriadas. É legítimo dizer que a monetarização joga o papel de diferenciação social e que certas práticas tradicionais mudam em concordância com o grau de riqueza que se traduz em utilizarem-nas para capitalizar ou não as suas

famílias.

6. CONCLUSÕES

6.1 CONCLUSÕES GERAIS

Como resultado da nossa constatação empírica, existem quatro fases distintas no papel social do idoso no respeitante à transmissão oral de práticas e dos valores tradicionais nomeadamente, antes da independência nacional, depois da independência, na altura do conflito armado e depois do conflito.

Nestas fases, embora tendo assumido que o período da modernização é marcado pelo início da aplicação das políticas de desenvolvimento rural, achamos prudente primeiro analisarmos o período anterior, pressuposto esse que de um modo iria ajudar a compreender melhor o momento seguinte. Nesta óptica, de acordo com os resultados obtidos o idoso antes da independência teve um papel importante na transmissão oral das práticas e dos valores tradicionais pois, de um lado, o governo colonial não interferiu demasiadamente naquilo que era a concepção da família alargada e, de outro lado, não teve influência directa em termos de legitimidade ou não das práticas e valores tradicionais. Assim, as populações locais viviam de acordo com aquilo que eram as suas crenças em termos de práticas e de valores transmitidos de forma oral dos mais velhos para os mais novos. Por isso, aqueles que constituem a faixa etária do idoso hoje são unânimes em afirmar que tudo o que sabem aprenderam dos seus pais, avôs ou bisavôs.

Com a introdução das políticas das AC verificou-se uma quebra do papel do idoso na transmissão das práticas e valores tradicionais uma vez que estas práticas não eram estimuladas, ou melhor eram relegadas ao segundo plano. Daí muitos terem afirmado que em termos de práticas como a evocação dos antepassados, o lobolo eram feitos às escondidas e é legítimo dizer que o idoso não poderia continuar a dar o seu saber sobre práticas que aparentemente iam contra a ordem política instituída.

No momento da guerra também houve uma quebra na transmissão oral de práticas e dos valores tradicionais “porque as pessoas viviam de qualquer maneira e não sabiam o que era bom e o que era mau”. Também ajunta-se o facto de maior mobilidade das famílias à procura de lugares mais seguros e conseqüentemente o papel do idoso fica ofuscado devido aos próprios circunstancialismos da guerra .

Após o fim do conflito armado verifica-se que há uma vivificação do tradicional mas ao mesmo tempo há incremento de outros actores atinentes à modernidade nomeadamente, a escola, a comunicação social instrumentos essenciais para a continuidade na transmissão dessas práticas e valores. Neste sentido pode-se dizer que o advento da modernidade, segundo o marco temporário por nós adoptado, a oralidade mostra-se cada vez menos capaz de se firmar como a única base de transmissão de práticas e dos valores tradicionais para as novas gerações. As bases para tal constatação tem fundamentações diferenciadas de acordo com os períodos já referenciados.

O primeiro momento teve a ver com as próprias contingências políticas que não estimularam as práticas. No segundo momento, que é o da guerra, os indivíduos estavam mais preocupados com a sua própria sobrevivência. No terceiro momento embora o discurso oficial incentivasse as práticas e valores há outros actores e isto retira ou diminui aquela transmissão oral de geração para geração.

Os jovens porque frequentam instituições da modernidade como, por exemplo a escola, vão aprendendo assim como com o uso cada vez mais dos meios de comunicação social. Assim sendo a oralidade passa a ocupar um lugar menos referenciado na transmissão dessas práticas e valores .

Constatou-se, com efeito, que há uma aceitação de diminuição da transmissão oral nas duas vertentes, tanto nos idosos como nos jovens. Os primeiros acham que aquilo que eles ensinavam também pode ser aprendido na escola, ouvindo a rádio pois o que estes actores ensinam é resultado do conhecimento que têm sobre a matéria, isto é, a prática e os valores tradicionais. Os jovens também acham que tais práticas e valores estudam e acompanham através dos meios de comunicação social.

Assim, podemos concluir que a oralidade, como pressuposto para o saber tradicional, está ameaçada pelo incremento de outros actores como os da comunicação social e a escola. Deste modo, o papel do idoso na sua transmissão será cada vez menos referenciado embora ele continue a ser o principal legitimador de tais práticas.

6.2 CONCLUSÕES ESPECÍFICAS

Referenciamos, no nosso ponto de partida, que o trabalho teria um enquadramento nas teorias funcionalistas e neofuncionalistas e neste sentido queremos concluir especificamente que:

O (I) desempenha papel positivo para (S) na medida em que fornece um conjunto de valores partilhados por todos e mantém o (S) em equilíbrio. Tanto o (I) como o (S) aceitam a incorporação de novos valores (exteriores e interiores) e são reajustados contribuindo assim para o enriquecimento do (S).

As práticas tradicionais foram sofrendo alterações de acordo com os condicionalismos da modernidade. No entanto, continuam a manter a sua essência de tradicional. Estes condicionalismos implicam que elas não são estáticas, mas sim dinâmicas e esse dinamismo não obstrui o equilíbrio do sistema. Neste caso concreto com a maior monetarização do lobolo, a existência de bebidas “modernas” no Mupahlo, etc.

Essas práticas inserem uma parte manifesta que é aquela a que todos os intervenientes nas comunidades rurais entendem que devem realizar como algo normativo, mas têm uma parte latente que se esconde por detrás dos valores que elas encobrem. Eles traduzem em geral a coesão, a harmonia da comunidade. Afirmar que são algo normativo significa que há sanções para os que vivem fora ou à margem das normas. Uma das sanções é que, em casos de crise, como falecimentos, conflitos conjugais, Mupahlo, doenças, diminui-se a rede de amigos que podem dar algum apoio tanto moral como material. Mesmo em casos como os de lobolo noutras famílias não são convidadas uma vez que não vivem por debaixo das normas.

Ora, a necessidade de coesão e da harmonia são valores que estão sempre presentes na comunidade, pois, não obstante a rejeição das práticas, nunca se pôs em questão a necessidade da harmonia da comunidade.

A transformação do papel social do idoso indica-nos que a mesma função pode ser desempenhada por outros actores. Neste caso concreto, o idoso antes tinha um papel importante nas práticas e valores tradicionais, mas com o incremento de novos actores como a escola e a rádio estes passam a desempenhar a função de transmissores das

práticas e valores, papel que era monopólio do idoso, o que contribui para a diminuição do papel deste.

Apesar do incremento destes, a família continua a ser relevante como primeira instância de socialização, na medida em que ela é a base sobre a qual se materializa todo um conjunto de práticas e de valores. Não se pode, por exemplo, pensar no lobolo sem se pensar na família, e deste modo esta contribui para a criação da estabilidade na comunidade, aquilo a que nós designamos de realidade complexa. Não obstante o incremento de novos actores como veículos de práticas e valores tradicionais, são pessoas idosas que legitimam tais práticas, pois são eles que as orientam.

6.3 RECOMENDAÇÕES

Como se pôde constatar ao longo do trabalho, não pretendemos de forma nenhuma esgotarmos o tema que nos propusemos analisar. Pelo contrário, o nosso interesse foi o de darmos alguma contribuição sobre a matéria.

Deste modo, entendemos que, apesar de a modernidade estar cada vez mais vinculada a novas tecnologias de informação a oralidade continua a desempenhar o seu papel. Significa que não devemos olhar o idoso como vítima, mas sim, como agente activo e participativo na sociedade porque a família continua a ser a primeira instituição de socialização.

As instituições ligadas ao idoso ou à divulgação das práticas e valores tradicionais devem estabelecer, sempre que possível, um diálogo válido entre os idosos e as novas gerações. Maior contributo deverão dar os meios de comunicação social, principalmente a rádio, por ser aquela que tem mais abrangência.

Tais instituições devem, também, desenvolver mecanismos que permitam recolher os conhecimentos acumulados pelos idosos para a sua disseminação, mesmo reconhecendo que não são estáticos.

Devemos fazer sempre uma reflexão no sentido de que tanto a oralidade como as novas tecnologias de informação (ICTs) desempenham uma função importante para o funcionamento harmonioso da nossa sociedade.

É necessário privilegiarmos os ICTs para a educação dos jovens sobre o papel do idoso, para além de que, deve-se reconhecer e desenvolver a medicina tradicional como meio de valorização do idoso.

Encerramos este trabalho com a esperança de termos dado alguma contribuição para o conhecimento da área que nos propusemos discutir.

Maputo, Fevereiro de 2003.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Wanda do. *Guia para Apresentação das Teses, Dissertações, Trabalhos de Graduação*. Maputo. Ed. Imprensa da UEM, 1995.
- BIROU, Alain. *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa. Ed. Publicações Dom Quixote, 1982
- CASTRO, A. M. E Fernandes (org). *Introdução ao Pensamento Sociológico : Durkheim, Weber, Parsons*. Ed. São Paulo. Editora Moraes, 1992.
- CASAL, Adolfo Yarez. *Antropologia e Desenvolvimento. As Aldeias Comuns de Moçambique*. Porto. Ed. Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996.
- CIPIRE, Felizardo. *A Educação Tradicional em Moçambique*. 2ª ed. Emedil, 1996.
- ESTEVES, A. J. e FLEMING, A. J. *Sociologia*. Porto. Porto Editora, 1980.
- FERREIRA, J. M., Carvalho *et al.* *Sociologia*. Lisboa. Ed. McGraw-hill, 1995.
- FRADA, José João. *Guia Prático para a Elaboração e Apresentação de Trabalhos de Científicos*. Lisboa Ed. Cosmos 3 ed. 1993.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Ed. Lisboa Celta Editora, 1998.
- LAZARSFELD, Paul *A Sociologia Vol. II* Ed. Livraria Bertrand, 1970.
- MAZULA, Brazão, *Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985 (Em Busca de Fundamentos Filosófico- Antropológicos)* Ed. Afrontamento, 1995.
- ROCHER, Guy. *Sociologia Geral- A Acção Social*. Vol. 1 Lisboa. Editora Presença, 1989.
- ROHER, Guy. *Talcott Parsons e a Sociológica Americana*. Rio de Janeiro. Ed. Edições Francisco Alves, 1976.
- RUTH, First. *O Mineiro Moçambicano : Um Estudo Sobre a Mão de Obra*. Maputo. Ed. ICM, 1977.
- SERRA, A. M. de Almeida. *Moçambique : Da Independência à Actualidade - Evolução Económica e Social 1975-90*. Ed. Cesa, 1993.
- SERRA, Carlos. *Novos Combates pela Mentalidade Sociológica*. Maputo. Ed. Livraria Universitária, UEM, 1997.
- SILVA, Terezinha da. *Pessoa Idosa : Peso ou Recurso?* in *Seminário de Pesquisa*. Maputo. Ed. UFICS, 2000
- SHILS, Edward. *Centro e Periferia*. Ed. Difel, 1981.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Ed. Instituto Piaget, 1992.
- TOUT, Ken. *Ageing in Developing Countries*. Ed. Oxford University Press, 1989.
- O'LAUGHLIN, Bridget. *A Base Social da Guerra em Moçambique*. Maputo. Ed. CEA, 1992.

HONWANA, Alcinda Manuel. *Os Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-guerra no Sul de Moçambique*. Maputo. Ed. Promédia, 2002.

Dicionário Universal da Língua Portuguesa ; Lisboa. Ed. Texto Editora Lda, 1995.

ANEXO 1

ANEXO

GUIÃO DE ENTREVISTAS PARA OS IDOSOS

1. Com quem vive?
2. Onde viveu nos primeiros anos da independência, no momento da guerra e actualmente?
3. Costuma(va) ser consultado pelas pessoas com quem vive (ia) ou outras? Se sim que questões colocam (vam) e qual é o poder de decisão que tem ou tinha ?
4. Na família quando existem práticas de lobolo, evocação dos antepassados ou outros quem os dirige? Costuma participar nesses rituais?
5. Qual é o valor que essas práticas representam para si?
6. Qual é o período em que mais consultado e porquê?
7. Tem brincado com os netos? Se sim como?
8. Tem ensinado aos mais jovens as práticas de lobolo, evocação dos antepassados como e porquê?
9. Existe alguma mudança nessas práticas nas três fases que marçaram o país ? Como?
10. Quem pensa que também pode educar os jovens nessas práticas e valores? Porquê?
11. Tem dado alguma oportunidade aos jovens para dirigirem a celebração dessas práticas?
12. Para onde é que se dirige quando estiver doente ao hospital ou ao tradicional e porquê?
13. Qual é a melhor recordação da juventude e a pior?
14. Como e com quem aprendeu as diferentes práticas e valores tradicionais?
15. Se viveu nas aldeias comunais o que é que tem a dizer sobre as práticas tradicionais?

ANEXO 2

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS

1. Com quem vive?
2. Se vive com os pais ou avós que tipo de conversa tem abordado?
3. O que é que sabe sobre as práticas e valores tradicionais e qual a sua utilidade na vida prática?
4. Do que sabe e do que se pratica existe alguma diferença e se existe qual é?
5. Ao longo da sua vida quais são os locais onde viveu e que alterações tem verificado nessas práticas?
6. Se estuda, escuta a rádio, lê jornais, o que acha do que aprende sobre as práticas e os valores tradicionais em relação ao que aprende do idoso?
7. Qual é a "coisa" que mais aprecia e a que mais detesta na pessoa idosa?
8. Tem participado em rituais ou encontros sobre direcção dos idosos e o que representam para si.